

RENOVAÇÃO

ÓRGÃO DE AÇÃO EDUCACIONAL PROLETÁRIA

DIRETORES:

EDGAR FERNANDES
VICENTE DO REGO MONTEIRO

SUMÁRIO

Sobre os Poemas de Bolso, Willy Lewin. — U'a carta de Jorge de Lima, Escreveu Crésio Teixeira. — Vicente do Rego Monteiro, poeta, Nilo Pereira. — Estado Corporativo, Silvino Lyra. — Fundamento Teórico do Serviço Social, Antônio Bezerra Baltar. — A guerra e a literatura francesa, Cleodon Fonseca. — Renovação Política e Administrativa do Brasil, Luís de Magalhães Melo. — Uma biografia do Pe. Nóbrega, Nilo Pereira. — A ficção Brasileira em 1940, Mário Souto Mayor. — A Caldeira que gême, Ademar Vidal. — Poemas de Bolso, Silvino Lyra. — A lua ia aparecendo, conto de Claribalte Passos. — Notas sobre a poesia de V. do Rego Monteiro, Lêdo Ivo. — Uma opinião do Sr. Mário Melo. — Nota de livros, B. Coutinho Silveira. — Poemas de: Odorico Tavares, Alvaro de Las Casas, Willy Lewin, Vicente do Rego Monteiro, Matheus de Lima, Gastão Bittencourt de Hollanda, Haydn Goulart, Laercio Coutinho de Barros, Lêdo Ivo, Aluizio Medeiros, Milton Persivo, Cláudio Tuiuti Tavares, Mário Souto Mayor, Francisquez Guzman.

Redação:

RUA DO BOM JESUS, 207 — 2.º

RECIFE



GIRA-SOL

GRAVURA A 3 CORES DE MONTEIRO (V. do R.)

UM DOCUMENTO

SOBRE SABA'

a agua mineral que dá saude:



PROF. AGGEU MAGALHÃES

O conhecido médico pernambucano vem preferindo a AGUA MINERAL DE SABA, para o aconselhamento aos seus clientes, não escondendo o seu entusiasmo com os resultados benéficos obtidos nos vários casos de sua especialidade.

As suas declarações, a esse respeito, como podem verificar os leitores, são resultado de um estudo delicado sobre o produto pernambucano, antes de distingui-lo com a sua preferência e responsabilidade profissional.

Como o prof. Aggeu Magalhães, numerosos médicos pernambucanos usam e indicam a AGUA MINERAL DE SABA, tendo esta folha publicado já vários conceitos emitidos.

O prof. Aggeu Magalhães escreve sobre a AGUA MINERAL DE SABA o seguinte:

O dr. Aggeu Magalhães, professor da Faculdade de Medicina e uma das nossas maiores autoridades médicas em assuntos de doenças do estomago e da nutrição, acaba de, sobre a AGUA MINERAL DE SABA, escrever o importante atestado que damos em "fac-símile", constituindo, sem favor algum, um dos mais expressivos depoimentos a propósito das qualidades medicinais daquele produto do nosso parque industrial.

"Uma agua mineral que não apresenta predominância de um determinado sal, é sempre uma agua de larga aplicação, quasi não havendo contra-indicações ao seu emprego. É o caso da AGUA MINERAL DE SABA, cuja análise química revelou equilíbrio quantitativo dos seus diversos sais e cujos benefícios efeitos tenho constantemente verificado na minha clínica de doenças do estomago e da nutrição".

DR. AGGEU MAGALHÃES
Professor da Faculdade de Medicina

Uma agua mineral que não apresenta predominância de um determinado sal, é sempre uma agua de larga aplicação, quasi não havendo contra-indicações ao seu emprego. É o caso da Agua Mineral de SABA, cuja análise química revelou equilíbrio quantitativo dos seus diversos sais e cujos benefícios efeitos tenho constantemente verificado na minha clínica de doenças do estomago e da nutrição.

Aggeu Magalhães
Dr. Aggeu Magalhães

SABA' é um produto de Pernambuco para o Brasil.

(Do "Diário da Manhã", de 8-12-1940)

O maior sortimento de livros e artigos escolares aos menores preços na

LIVRARIA UNIVERSAL

Avenida Rio Branco, 50

R E C I F E

EXPEDIENTE

RENOVAÇÃO

Orgão de Ação Educacional Proletária

Direção de Edgar Fernandes e Vicente do Rêgo Monteiro

REDAÇÃO : Rua do Bom - Jesus, 207 - 2.º
Recife PernambucoNUMERO AVULSO 1\$000
NUMERO ATRAZADO 2\$000Assinatura para 24 numeros
NA CAPITAL 30\$000
NO INTERIOR DO PAÍS 35\$000

As assinaturas são pagas adiantadamente

Os originais literários enviados à RENOVAÇÃO não serão devolvidos ainda que não publicados

São nossos correspondentes :

ADEMAR VIDAL — Rua das Trincheiras, 554
João Pessoa — Paraíba
JOSE VIEIRA COELHO — Rua D. Geraldo, 52
Rio de Janeiro
DALMO BELFORT DE MATOS — Rua Desembargador Valle, 453
São Paulo
CRESO TEIXEIRA — Avenida Deodoro, 418
Natal — Rio Grande do Norte

NOTA DE LIVROS

Jerônimo Cavalcanti. "RUIDOS URBANOS", Editora "A Noite".

Esse livro é o mais completo, já escrito em torno da questão dos ruidos urbanos. O urbanista Jerônimo Cavalcanti faz luminosas observações técnicas e suscita a solução dos inconvenientes ruidos das cidades de grande movimento. Isso que tanto tem a nossa capital. As observações do ilustre urbanista baseiam-se em conceitos dos mais ilustrados cientistas do velho-mundo, colocando o lado fisiológico da questão em relevante plano. O autor analisou o assunto sobre todos os pontos de vista: ação do ruido na saúde pública; o registro dos ruidos científicamente; o prejuízo intelectual provocado pelo ruido; o prejuízo industrial, etc.. As demonstrações de quanto são prejudiciais, pelo lado médico, os ruidos, são demais convincentes. O livro tem uma coleção de desenhos e ilustrações para a melhor compreensão do assunto em que o autor, às vezes, se aprofunda em demasia tornando-se dessa maneira impenetrável aos leigos na matéria.

B. Coutinho Silveira

U S E

Camisas bem feitas

E PARA ISTO

COMPRE-AS NA

CAMISARIA ESPECIAL

Rua Duque de Caxias, 231/235

HORACIO SALDANHA & Co.

IMPORTADORES DE CARVÃO DE PEDRA

SERVIÇOS MARITIMOS

End. Tele. HORACIO CAIXA POSTAL 140

Avenida Marquês de Olinda, 143

1.º ANDAR

TELEFONE 9144 — RECIFE

LOPES ARAUJO & CIA.

Estivas em grosso

Comissões e
Consignação

End. Teleg. Chechéo

Rua do Livramento, 110

RECIFE - PERNAMBUCO

IMPORTAÇÃO

EXPORTAÇÃO

RENÉ HAUSHEER & CIA.

TECIDOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

End. Tele. : "RENE"

Códigos : RIBEIRO - A. B. C. 5 th. Ed.

BENTLEY'S - MASCOTE 1.ª e 2.ª

Matriz :

R. Imperador Pedro II, n.º 542

RECIFE PERNAMBUCO

Filiais em

JOÃO PESSOA (Paraíba do Norte) e

MACEIÓ (Alagoas)

J. GRACIANO & CIA,

ENGARRAFAMENTO DE AGUARDENTE

Puríssimas Aguardentes de marcas

BALAGANDANS e ESTRELAS

Escritório e Depósito :

R. GUARARAPES, 292 — RECIFE

D O I S P O E M A S D E O D O R I C O T A V A R E S

NOTURNO DO ENGENHO "BOA VISTA"

Vieram-me os pensamentos leves e alheio
 fiquei ao passado que não se desfaz
 Nem sombra vozes nem ruidos
 Apenas a paz noturna descendo sobre o pátio

Candura dos pássaros dormindo
 Boiando no ar o perfume das rosas
 Silêncio das aguas imóveis
 Mistério do nascimento das arvores

Placidez inenarravel das coisas
 Dores e maguas vivendo longe
 Só em mim a doçura dos jasmíneiros

Pouco a pouco a tua presença
 A lua na mata aparece sobre os páus darco floridos:
 Tua mão passando pelos meus cabelos.

Recife, 1941

ST. LOUIS BLUES

Todo mundo dansa.
 As mulheres riem e os homens sorriem,
 mas é um riso triste esse que eu vejo agora.
 Riso nos lábios, mas que canção triste!
 Esta música finda matando a mim e toda gente.

Oh vós todos, recolhei esta tristeza
 e não façais de vossas dôres, dôres nossas.
 Deixai que a noite venha para apascentar meus sonhos,
 deixai que as bôas sombras me acolham,
 porque o dia é que é feito para viver, e já passou o dia.
 para que viver agora? Deixai que eu sonhe.
 Por que tanta vida num soluço?
 Por que tanta vida numa canção?

Recife, 1939

S O B R E O S " P O E M A S D E B O L S O " D E V. D O R E G O M O N T E I R O
W I L L Y L E W I N

Não sei bem se os «Poemas de Bolso» se parecem com a pintura de Vicente do Rego Monteiro, como observou Odorico Tavares numa inteligente notícia de jornal. Mas não ha dúvida que os «Poemas de Bolso» se parecem com Vicente do Rego Monteiro.

Isto é muito importante, sobretudo agora, quando os temas prediletos de uma meia duzia de grandes poetas brasileiros vêm sendo semanalmente recopiados não digo, em rigor, com desfaçatez, mas de qualquer modo com uma certa falta de cerimonia.

Os poetas do «novo condor» (vide o recente artigo de Mario de Andrade) dirão talvez — como alguém já me disse — que os «Poemas de Bolso» são «modernismo de vinte anos atrás». Pode ser em parte. O «descritivo» do «Carnaval Frêvo», por exemplo, me parece um pouco antigo. Não que me repugne o descritivo em si. Pelo contrário. Gosto muito do puro. Do de Cendrars em «Feuilles de Route»: não poemas em prosa simplesmente. Algo mais: poemas prosaicos, poesia «trop lisiblement écrit», segundo a expressão de Cocteau.

Sob um outro aspecto, «Crisapadoluxestiolario» nos restitúe, com efeito, o «jeu de mots», o dadaísmo do Tzara dos «25 Poèmes». A verdade, porém, é que tudo isso me parece (cada vez mais) crítica secundária e... pouco poética. Gosto ainda dos «25 Poèmes», pra que fingir? Quanto ao auto-policiamento de não cair no «modernismo de vinte anos atrás», acho até que, diante do fenômeno acima apontado, isto é do tédio que já nos começa a produzir a moagem atual de um certo lirismo uniformemente grandiloquo, me são, em particular, simpáticas as nostalgias da «idade heróica», do tempo da «aventura». O próprio Vicente do Rego Monteiro se compraz em dizer que os seus versos não têm pés nem cabeça. O que é ótimo e indica a sua capacidade de sentir e viver aquela estupenda afirmação de Cocteau: «Il y a les poètes et les grandes personnes».

As «grandes personnes» vão decerto rir desta minha exquisita maneira de elogiar o poeta, pensando que lhes estou fornecendo armas, confirmação aos seus julgamentos. As «grandes personnes» que se danem.

Como o seu amigo Géo Charles, poeta esportivo, Vicente gosta das imagens. E sabe fazê-las excelentes, originalíssimas. «Uma manhã em alguma parte na Europa», «Minha onda era

muito curta para você», «Chamada do Arquipelago dos Escravos», «Élégie pour un aviateur mort», entre outros, merecem uma referência especial.

Nos «Poemas de Bolso» há coisas inteiramente malucas. Não me refiro propriamente ao já citado «Crisapadoluxestiolario» ou ao escandalizante (no sentido de estar de fato escandalizado) «Poema 100% Nacional», que julgo fraquissimo e completamente «sensato». Quero falar de subversões deste gênero:

«Pelo telefone um habitante do Rio pede ligação para Les Moulineaux, Saint-Ouen, Chocolate, Hortelã, Pipócas e Amendoim Torrado»

E' esplendido.

U'A CARTA DO POETA JORGE DE LIMA

São Paulo, 24/2/41

(Carnaval)

Meu caro Vicente do Rêgo Monteiro, escrevo-lhe de São Paulo onde estou há vários dias, com os seus poemas de bolso na cabeça. Experimentei um test: o carnaval (esta é escrita na 2.ª feira gorda) + este real progresso paulista não me fizeram esquecer a beleza que há na maioria dêles.

Espero que me envie novas produções mesmo inéditas. Desejo que me recomende aos amigos.

Um abraço afetuoso do
Jorge de Lima

P. S. — Vindo a presente carta até o Rio onde cheguei hoje, apresso-me a enviá-la ao correio com a confirmação paulista do valor dos seus poemas.

Rio, 28/2/41.

C I N C O P O E M A S D E W I L L Y L E W I N

1. NOTURNO

Um avião noturno passa sobre o meu tecto
 Ouço durante alguns instantes
 O canto de orgão do seu motor vibrar
 Depois
 A usina do silêncio instalada nos astros
 Põe-se de novo a funcionar

2. SUICIDIO DA MINHA SOMBRA

Enquanto douro uma esquina
 A minha sombra enlouquece
 E se atira contra o muro
 Que de alto a baixo se lava
 Do sangue da minha sombra

3. ESPÉLHO

Ao luar o espelho brilha
 Como uma lâmina de aço
 O espelho é uma porta-falsa
 Que recolhe a minha imagem
 E de manso a deposita
 Noutro tempo e noutro espaço

4. SILENCIO

O sangue dos minutos
 Escorre gota a gota
 O silêncio é tão denso
 Que acelera
 O pulsar das artérias das estátuas

5. SONO

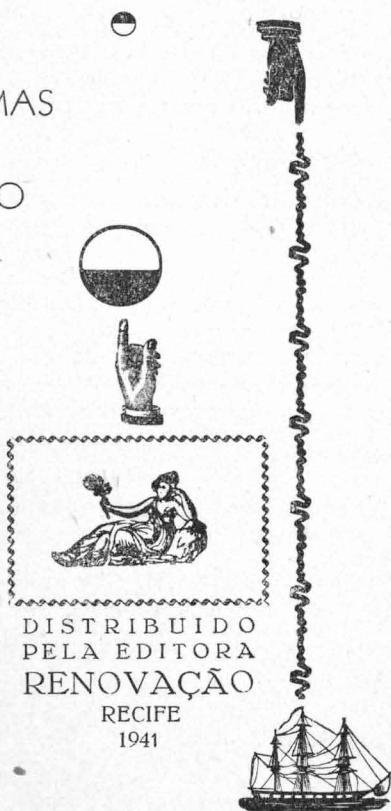
O Sono — um mar de onde nasce
 Um mundo informe e absurdo
 Vêm molhar a minha fáce
 Cáio num ponto morto e surdo

V I C E N T E D O R E G O M O N T E I R O — P O E T A
N I L O P E R E I R A

A publicação dos *Poemas de Bolso* veiu revelar a muita gente um poeta inesperado. Para alguns, esse poeta nem chegou a ser propriamente uma surpresa: houve simplesmente quem desdenhasse acreditar na poesia de Vicente. E, todavia, Vicente é poeta, assim como é pintor. Para quem não conhece

Vicente do Rego Monteiro

POEMAS
DE
BOLSO



a sua carreira artística, ou antes as suas emoções artísticas, ele é um pintor que derivou para a poesia. Houve, então, uma transposição de planos, e o artista permaneceu o mesmo. Nenhuma excentricidade nisso, é claro. Houve, antes, um recuo, uma integração do poeta consigo mesmo, como vamos ver. Em todo caso, o certo é que Vicente, derivando ou não para o plano poético, não saiu de si mesmo quando escreveu os *Poemas de Bolso*, isto é, não abandonou as suas emoções de pintor para surgir inesperadamente poeta, assim como quem sai de um esporte para outro, brincando.

Falei, há pouco, na possibilidade de Vicente ter recuado para a Poesia. E, nesse caso, ele teria voltado a ser o poeta que, em 1925, apareceu em Paris, com as suas *Quelques Visages de Paris*. Era o tempo em que Fernand Divoire falava dêle assim: «Rego-Monteiro est, comme tous les grands révolutionnaires de l'art, un homme de tradition et de style».

Em *Quelques Visages de Paris* o pintor e o poeta estão de tal maneira unidos que representam uma personalidade única e essencial. Vicente fez, então, a poesia pictórica ou, melhor, a pintura poética, a pintura com legendas. Ora, quem escreveu deante de Notre Dame essa legenda tinha uma vocação poética: «Les vieux disent: devant cette église une belle fille dansait». Pintando o viaduto de Austerlitz: «Pont en demi cercle: c'est pour cela que la ligne courbe est le chemin le plus court d'un point à l'autre».

Agora, os *Poemas de Bolso* restituem o poeta parisiense de 1925. E dessa vez com uma poesia mais ampla, mais universal e mais humana.

O poeta, que viu Paris, viu também o Recife, neste poema:

Recife — Grande espelho refletor de fabuloso cineasta.
Na luz que ofusca e cega o transeunte é um figurante que passa.

Ao nascer do teu dia saudável e tranquilo nenhum problema a resolver.

Os figurantes retomam as atitudes plásticas do ganha-pão quotidiano.

Somente as estrelas e os galantes usam lunetas de côres.
A' noite tua sala de projeção é um vasto cenário para contemplação.

Capibaribe.

Beberibe.

Oceano Atlântico.

Uma manhã em algum lugar na Europa é um poema de intensidade humana. O elogio de Géo-Charles e de Chirico — o poeta esportivo e o pintor-poeta — cabe em Vicente, que participa desses dois estados de Poesia.

Não direi que Vicente não tem poemas fracos. Declaro logo que não li o seu livrinho, a cata dessa fraqueza que, para certos críticos é o único alvo a atingir. O *Poema 100% nacional*, um dos mais discutidos, me parece apenas engraçado... Pode não haver poesia naquilo: números a êsimo e um bicho no fim para palpitar; mas, há um quadro, uma charge do quotidiano. Vicente reduziu a imagem um dos aspectos mais corriqueiros e ao mesmo tempo mais sérios da realidade brasileira: o jôgo-do-bicho.

E agora só nos resta que, lidos, discutidos e relatados os *Poemas de Bolso*, se abra o *Museu de Poesia* desse grande poeta, que é Willy Lewin.

P E R E G R I N A C A O
M A R I O S O U T O M A Y O R

O poeta era mais descrente que São Tomé.

Ele andou pelo mundo inteiro e não viu nada.

Procurou qualquer coisa que fôsse bela para adorar
e só trouxe em sua retina cansada dois olhos negros de mulher.

E ele andou pelo mundo todo, andou.

Viu com seus próprios olhos as piramides do Egito
irmanadas pelo simun raivoso que gemeu para seus ouvidos.

Em Singapura, uma música lhe embebedou de melodia
e deixou-o prostrado como se houvesse feito uma longa ca-
minhada.

Pescou baléia em Terra-Nova mas não achou graça nenhuma

Desejou um corpo virgem e belo de mulher para afogar o
amor que habitava a sua carne
e teve.

Subiu montanhas cobertas de neves eternas
carregado por muitos homens que ensurdinavam uma canção
maviosa que ele não compreendeu

Andou em dorsos de camelos pacientes e navegou pelos deser-
tos áridos e intermináveis da África.
Sentiu a exuberância das selvas e adormeceu sorrindo enquan-
to aves canoras chilreavam.

O Ganges? Não despertou a poesia secularmente adormecida
[em sua imensidão legendaria.

Os plácidos lagos da Suissa não lhe disseram nada, absoluta-
mente nada.

Mas o poeta era mais descrente que São Tomé.

Voltou como o filho pródigo:
— Sem agua para mitigar a sede que roía as suas entranhas
— Sem trapos para cobrir o corpo cansado e desnudo.
— E arrependido.

Só então é que compreendeu o desperdício de sua mocidade
em longa peregrinação por regiões fantasmagóricas, prenhes
[de Belesa.

Havia-se esquecido de olhar para cima, para o alto, para Deus
porque sua vida estava povoada de crianças morrendo de
fome

cegos morrendo de fome
velhos morrendo de fome
prostitutas morrendo de fome
o mundo morrendo de fome
enquanto que os banquetes se sucediam em festins que se pro-
longavam dentro da Noite
regados pelo vinho doce do Reno, pela luxuria, pelo amor,
[pela vida...

A S U D O E S T E A P E N A S U M P I A N O

O anjo da Magica deixou que um gosto caisse sobre o sonho

do poeta

a amada era então a rosa dos ventos prodigiosos

a sudoeste apenas um piano

a noroeste se concentravam os mitos e os teatros

o cinema estava num ponto intermediário

muitos mortos viviam em retratos ampliados a imobilidade

grandes ventos vieram do mar

soprando no espaço a rosa de Deus.

E S T A D O C O R P O R A T I V O
S I L V I N O L Y R A

A organicidade universal influiu na mente humana. A perfeição dos movimentos, o equilíbrio das forças, a normalidade e precisão de suas leis, não poderiam deixar de influenciar o homem à observação das causas ordenadas, para evidência duma hierarquia natural, característica de todo organismo.

E si o homem participa do cosmos universal como matéria que é, o espírito que lhe faz ascender à posição de criatura mais perfeita, teria de indagar a sua sujeição a determinante que subordina as manifestações da vida.

Meditando sobre êstes detalhes, creio na existência anterior do Estado aos indivíduos e as sociedades. Ele é para mim, como expressão da autoridade, ao mesmo tempo "fim e meio" da sociedade humana. (1) Inclino-me a assim pensar, porque a relação existente entre élle e a autoridade natural, era constatável na natureza cósmica do universo, orgânica pelo seu essencial hierárquico e anterior ao homem.

Não vai, entretanto, nesta opinião, uma indiferença à antecedência lógica e cronológica. O estagirita tinha e tem razão. Pois "O Estado é pela sua natureza anterior aos indivíduos e a família, assim como as partes de um todo são condicionadas pelo todo e pelo fim ao qual se destinam" (2).

Existe na afirmação de Aristóteles a distinção entre antecedência cronológica e antecedência lógica. Verifica-se na exposição aristotélica, como nos diz o sr. Miguel Reale, que "si cronologicamente a família e o indivíduo precedem o Estado, do ponto de vista da ordem absoluta das causas, a relação é inversa" (3), isto é, o Estado antecede o indivíduo e a sociedade.

Creio na unidade universal, orgânica. No universo vejo a integração dos valores em um todo diferenciado, onde se respeita os valores específicos.

E é precisamente desta concepção totalitária do universo e dos seus movimentos, que não significa absorção de valores intrínsecos e específicos — totalitarismo —, que comprehendo a sociedade humana, ou seja o homem multiplicado no plano do universo, a humanidade, como um elemento diferencial do todo cósmico.

A organicidade de sua vida, é-lhe uma imposição de sua natureza. Negar-lhe este espírito hierárquico, é cavar-lhe a ruína, cousa aliás que se tem feito, durante todos estes séculos de estudos e de conclusões unilaterais.

Este caráter orgânico da sociedade humana, creio ser um impositivo que justifica as nações, variedades compreendidas no todo humano, com os seus valores respeitados e diferenciados pela cultura, pelas raças, pelos costumes, pela situação geográfica, pela história e demais elementos identificados dos vários povos.

O Estado não pode ser um "instrumento sem vida, u' maquina morta, porque élle é antes de tudo orgânico".

A sua superioridade promana da moral, que é, no dizer de Santo Agostinho, "A ciência de bem viver e a arte de ser feliz" (4).

A finalidade estatal é ética, porque dêla se serve o homem para atingir o bem viver e a felicidade relativa. Cumpre ao poder, como centro de harmonias e equilíbrios que é, defender o bem comum social e criar os próprios ritmos dos agrupamentos humanos.

Não é admissível às partes se arvorarem ao domínio do todo, porque a consequência seria o aniquilamento delas e a mutilação e morte do todo.

A divagação feita para o fim colimado, não teria talvez fundamento e seria mesmo dispersiva, se não fora a meditação pretendida, uma tentativa de justificar a idéia corporativa, dentro duma concepção do mundo, cujo espírito de síntese, anima a pesquisa.

Não objetiva-se no presente trabalho buscar as origens próximas da corporação, mas o seu fundamento natural, como uma instituição da organicidade universal.

As corporações, como fato social sempre existiram.

Pareceria a alguns, uma afirmação audaciosa. Contudo, não há negar a atração dos semelhantes mesmo na vida do homem.

A afinidade dos homólogos é uma fatalidade natural no mundo físico, imposta pelas leis imutáveis que o regem.

O sr. A. B. Cotrim Neto, em o seu livro DOUTRINA E FORMAÇÃO DO CORPORATIVISMO, no-lo demonstra claramente.

Sobressai a origem da idéia corporativa, ora no reino animal, ora no reino mineral e no reino vegetal, através destas fatalidades cósmicas que são o grupalismo e o gregarismo.

Os fenômenos se agrupam pela sua natureza e em tudo se traduz a aproximação dos semelhantes.

Gustavo Le Bon afirma que nem em todas as épocas existiu a diferenciação anatômica. (5) Nos primeiros da protohistória, quando o progresso humano, a civilização, e a procriação "não haviam laborado os grandes agrupamentos humanos," as tribus se formavam de indivíduos que levavam a mesma existência, que se dedicavam ao mesmo trabalho (6).

Dai é que surgem os povos de pastores, de agricultores, de pescadores, na identificação do indivíduo no grupo, ou seja, a primeira mostra da grande idéia que revoluciona o século XX como o único meio de harmonizar as energias sociais.

Não creio no Corporativismo como uma contingência histórica. Não decorre élle apenas de imposições econômicas, como soe afirmar Manoilescu.

A idéia corporativa é uma imposição necessária à perfeita ordenação do mundo do homem e organização das sociedades humanas. Não apenas pelo lado exclusivamente econômico, mas em toda plenitude do seu sentido verdadeiramente cristão. (Vae soli)

O Corporativismo impõe-se necessário, porém contendo os caracteres capazes de conter o homem por todos os seus aspectos.

Tem, portanto, o verdadeiro corporativismo de satisfazer os detalhes mínimos da ansiedade humana, e, por isto mesmo, terá que apresentar-se pelos seus aspectos ético-político-cultural e econômico, em plena identidade com a nação.

Éste é uma fatalidade histórica.

E si presente se fez toda estas pelejas que a história registra sob as várias formas de grupalismo, foi simplesmente a evidente necessidade de mais uma vez patentear-se que a teoria é posterior à prática, assim como os movimentos precedem as leis.

O Sindicalismo explica o corporativismo.

Não é honesto como se pretendeu demonstrar alhures, uma identidade entre Estado Corporativo e Totalitarismo.

O último que tem finalidades em si mesmo, é um sistema absorvente, reunindo as partes sem lhes respeitar os valores naturais. O Estatismo, por conseguinte, é contrário à consciência esclarecida, porque no excesso da autoridade nega a pessoa humana. Este sistema é o extremo do liberalismo individualista, que pela sua licenciosidade elimina a autoridade.

(Conclui na pag. 27)

1.º CONGRESSO DE POESIA DO RECIFE

O Congresso de Poesia está a se desenrolar na mesma planície, porém sensivelmente diferente de horizontes. Agora ele atinge apaixonadamente, apesar das reticências do mau gosto, os estranhos sítios onde as tempestades, verdadeiramente eternas, devastam os caminhos, nivelam os valados, fazem emudecer as arquiteturas medievais e rugir o cimento armado.

Abrimos as janelas da Poesia sobre um espetáculo inédito, que em hipótese alguma poderá nos iludir. Aliás, sem nenhuma explicação possível, o que é autêntico e puro é inconfundível. No entanto essas metamorfoses sómente são possíveis nos dias de festa e sob transparências excepcionais. Assim o brilho das iluminações poéticas atingirão o maximo, quando todos os rostos dos poetas do mundo estremecerem de alegria. Coincidência curiosa: não tendo o gosto dos paralelos e dos paradoxos, penso, entretanto, nos incessantes retratos de mulheres de que se acham repletos os museus do mundo, de anedótico e de vulgar por falta do acessório indispensável da poesia.

Não será na luz impressionista das expressões reflexas dos poetas mortos, mas dos poetas vivos que o Congresso se verá assistido numa projeção capaz de prolongar-se ás expressões-limites sem que por isso ele seja menos vivo, mais vestido, mais adoravelmente enriquecido de ideias gínglimos.

Os debates serão cobertos de flores invisíveis, para que os espíritos inclinados ao erro e à confusão, possam ser levados ás divagações superficiais daqueles que dormem de olhos abertos.

Não é sem admiração descritiva que assisto à formação do 1.º Congresso de Poesia, por nós lançado em fraterna compreensão de três autênticos poetas. Forçando a indolência do nosso vocabulário, sempre disposto á incongruente caçada das belas transeuntes, mais vidradas do que estalagmitas, desconcertamos algumas conciências retrogadas, em tromba d'água jogando-as de costa — era fatal.

Vicente do Rego Monteiro.

INCÓGNITA

Ascenso Ferreira

Não procuro saber onde me levas...
Deste-me um sorriso teu e isto bastou!!
Claro relâmpago entre duas trevas:
A de onde vim e aquela p'ra onde vou...

Recife — 1940

BANCO TURÍSTICO DO 1.º CONGRESSO DE
POESIA DO RECIFE

Capital: 10.000.000 liras e alaúdes realizados.

Este banco abre contas correntes a vista e a prazos salmódicos.

Contas correntes decorrentes de elegias.

Céde giros e cartas de crédito-poético para a Europa-França e Baía.

Desconta giros sobre todos os planetas.

Compra e vende, contos, prosa e poesia.

Encarrega-se de todas as transações de valores, simbólicos, românticos, plásticos, expressionistas, futuristas, ilusionistas e suprarrealistas: cotados ou não cotados.

Não faz transações com inflações acadêmicas.
Suas cotações não sofrem das deflações epidêmicas.

Monteiro (V. do R.)



O FUNDAMENTO TEÓRICO DO SERVIÇO SOCIAL
ANTÔNIO BEZERRA BALTAZAR

(Especial para RENOVAÇÃO)

II

Na primeira parte desta nota, ficou assinalada a influência do crescimento numérico das populações na evolução dos métodos de pesquisa e de ação social. Apontando a índole estatística, que tendem esses métodos a tomar, destacamos um dos resultados dessa tendência: a disparidade específica entre as constantes características das soluções encontradas por esse meio e aquelas que definiriam a solução própria de cada problema individual, tratado separadamente em suas condições particulares. Desse desajustamento contudo não se infere — e foi o que procuramos mostrar em conclusão — nenhuma imperfeição do método estatístico, que continua sendo o único capaz de apreender a complexa realidade dos fenômenos de multidão.

Ora, da apreensão exata e objetiva dessa realidade, depende qualquer possibilidade de estudo ou de ação social, realmente proveitosos. Conclue-se dai, que o fenômeno assinalado deve ser compreendido e aceito como decorrência inevitável do complexo social, notando-se contudo, que ele se manifesta com tanto menor intensidade, quanto mais extensa puder ser a investigação de ordem estatística e mais perfeito o trabalho preliminar de classificação dos elementos postos em foco para o estudo da sociedade em qualquer dos seus aspectos.

Posto isto, admitamos de passagem que, contrariando as conclusões malthusianas, o crescimento numérico das populações se verifica na mesma progressão da capacidade que a terra e a sociedade humana têm, de promover a satisfação das necessidades titais dessas populações. O problema de dar a cada um, aquilo de que ele necessita — numa sociedade assim concebida por abstração — seria um problema de distribuição simples de recursos, adequados às necessidades individuais, dos componentes da sociedade. Si êstes existem porém em grande número, isto é, em quantidade tal que a enumeração exaustiva das coordenadas sociais de cada um, se torna impossível com os recursos de indagação e de pesquisa utilizáveis, o conhecimento destas coordenadas, do qual dependerá a possibilidade de uma distribuição adequada dos recursos sociais — exige o emprego do método estatístico. Ora, nós vimos que os quinhões individuais de uma distribuição operada pelo método estatístico, são em geral desajustados, em relação às verdadeiras necessidades de cada indivíduo de per si. Fica portanto a realizar, um trabalho de redistribuição dos recursos sociais, de adequação de suas parcelas aos valores necessários individualmente. A êste trabalho está destinado especificamente o Serviço Social. Compreendido dêste modo o Serviço Social, a necessidade de sua ação aparece espontaneamente, como resultante da vida em sociedade — da condição social do homem sobre a terra — independente portanto da boa ou má organização da sociedade.

Na conjuntura atual da vida humana, com as populações extremamente multiplicadas e dispersas pelo mundo — e as consequências acumuladas de tantos séculos de luta pela vida — vem acrescentar-se a essa finalidade específica do Serviço Social, uma outra, operando no mesmo sentido de recomposição de equilíbrio: a finalidade de atenuar as diferenças de

condição social — as distâncias verticais no espaço de Sorokin — de humanizar as relações sociais, criando afinidades no homem, que o "socius" ameaçava destruir.

A criação do Serviço Social foi inspirada pelo "sentido social" que é filho legítimo da concepção cristã da vida. É o que demonstra por exemplo, em recente e interessante tese de formatura na Escola de Serviço Social do Rio de Janeiro, dona Irene Nunes de Sá. Realmente as primeiras iniciativas humanas em que se surpreende e identifica o "sentido social" — como ainda hoje as de maior repercussão — foram inspiradas e postas em prática pelo cristianismo. Pondo por terra as noções do paganismo relativas aos mais fracos dos humanos — a criança, o velho, a mulher, o pobre e o escravo — a propagação da doutrina cristã pelo mundo foi até hoje o movimento mais sério da história no sentido do equilíbrio social.

Ficam sugeridas dêsse modo, duas finalidades para o Serviço Social. Uma, decorrente da vida em sociedade e da propagação da espécie humana, — fazendo do Serviço Social uma instituição destinada a recompor em sua integridade para o fim de atendê-las, as necessidades da pessoa humana, cuja visão objetiva se perde no estudo das multidões. Esta finalidade dá ao Serviço Social um caráter de necessidade indispensável ainda nas sociedades perfeitamente organizadas, isto é, naquelas em que a soma das necessidades do grupo que a compõe, equivale à soma dos recursos de que o mesmo pode dispôr.

A segunda finalidade do Serviço Social, completando e reforçando a primeira, deriva da contingência atual da sociedade, da soma de erros que se acumularam no decorrer dos tempos de vida da humanidade, e estão na base da desordem social de nossos dias. O panorama social é tão confuso no momento, que a recomposição do equilíbrio perdido não parece mais possível dentro de quadros simplesmente humanos — técnicos ou científicos.

Na estrutura do Serviço Social, ao lado de elementos dessas duas ordens — da técnica e da ciência — que orientam os seus métodos de ação — encontram-se forças de uma ordem mais elevada — do mundo moral e religioso — forças que escapam a qualquer possibilidade de avaliação de comparação ou de confronto, para as quais os problemas de equilíbrio se desenvolvem num plano de transcendência absoluta e pura espiritualidade.

Dai, o grande papel que está reservado ao Serviço Social no trabalho gigantesco de reconstrução do mundo que caberá às gerações futuras.

O meu intuito principal ventilando esses assuntos, é despertar a atenção dos leitores desta revista, para a Escola de Serviço Social de Pernambuco que o esforço abnegado do sr. Rodolfo Aureliano está sustentando com a ajuda de alguns dedicados professores. Numa cidade deficitária como o Recife, do ponto de vista da capacidade de abrigar e dar meio de vida à população que tem, o campo é o mais vasto possível

(Cont. na pag. 27)

G R A V U R A D E M O N T E I R O (V . d o R .)



D O I S P O E M A S D E L E D O I V O

DEUS SOB UM BOMBARDEIO AEREO

As sirenes soaram repentinamente. A princípio percebemos
unicamente a interrupção dum concerto.

Logo depois ouvimos rumores de aviões distantes e o ruido
interminável de gente correndo para os abrigos.

Até mesmo as mãos de Adriana se comoveram. O carinho do
vento alisando meus cabelos se transfigurou em seu ca-
rinho.

As bombas começaram a cair. A mais louca fez com que uma
igreja voasse aos ares
porem os bombeiros descobriram Cristo erguendo-se das ru-
inas e Marias com vozes de sopranos cantaram macias
nênias.

Crianças choraram muito ao longe. Adriana mirou meus olhos
procurando meu coração.

Deus sob um bombardeio aereo — sómente as igrejas e par-
ques nada temem porque Cristo e crianças sempre haverá.

A VISITA INVULGAR

Adriana se camouflava num noturno e vinha visitar-me
para os outros era apenas u'a musica vinda do radio.

Adriana se camouflava em brando vento e entrava pela janela
para os outros era apenas um diálogo vindo do rádio.

Um dia Adriana entrou simplesmente pela porta e a cabeça
ainda estava reclinada como quando dormia em alguma
montanha estrangeira à geografia e inimiga da memória
a neblina dos campos enodoava seus cabelos
todos tiraram respeitosamente o chapéu porque era a poesia
que entrava
e deve-se ter a cabeça descoberta e livre quando a poesia entra.

A G U E R R A E A L I T E R A T U R A F R A N C E S A

C L E O D O N F O N S E C A

(Especial para RENOVAÇÃO)

QUE influência teria trazido a guerra para a literatura francesa? Tomará a arte literária, na França, uma nova direção, ou continuará, seguindo aquêles seus caminhos característicos, refletindo tôdas as épocas e em tôdas épocas atuando? Tal foi, mais ou menos, o sentido de uma *enquête* realizada entre alguns escritores franceses, por um jornal de Lyon.

Enquête de tal natureza só podia interessar à opinião pública, tão apreensiva diante das consequências políticas de uma guerra que, segundo a visão dos críticos internacionais, esconde, atrás dos anseios de espaço vital, um caráter sombriamente ideológico, avanço da força — meio feroz das potências totalitárias, sobre a liberdade — último sonho crepuscular das democracias agonisantes.

Vencida a França, para alguns observadores de última hora, teria ela, então, uma literatura "dirigida". Não mais a arte espontânea e inspirada, que representava nas suas formas os multiplicados e rebeldes anseios do homem frente aos dramas coletivos, ou a seus próprios dramas interiores. Não mais a literatura dos claros estilos e da originalidade, produto da sua cultura em marcha, refletindo, em tôdas as atividades do pensamento, a potencialidade do espírito criador, para onde, tantas e tantas vezes, o mundo se voltou, admirado.

E êsses observadores pensariam ver, desde o dia da derrota militar da França, um novo rumo nas lêtrias nacionais, uma "direção de mentalidades" — falar-se em "literatura dirigida" como se fala em economia, em uma palavra, o absoluto controle do Estado sobre a inteligência.

Mas, foi decisiva a resposta dos intelectuais franceses. Claudel, por exemplo, falou em uma reorientação, mas condenou a literatura dirigida. Reorientação, talvez interessasse a Claudel, considerando o seu cristianismo, a sua visão da existência à sombra do manto de Cristo, mas "direção" é coisa diferente, é subordinação, é asfixia. Edmond Jaloux, para que o próprio termo "reorientação" é grave, acha que "os escritores que são condenados a uma espécie de palavra de ordem cairão no pior dos conformismos". E refere-se à atividade política diante da atividade intelectual.

"Nossa literatura não seguiu um roteiro errado" — fala Paul Géraldy. E acha que "a expressão literária nunca foi na França tão proba, tão cheia de nuances, tão penetrante, como nos últimos vinte anos". E condena: "o escritor não deve desempenhar um papel de destaque na vida pública".

Que razão teriam, pois, os que pisaram o sólo francês, ou alguns outros observadores, para censurar o espírito daquela nação? É o que André Gide acha absurdo. E Emile Henriot, por sua vez, responde, com larga visão, dizendo que "nada de literatura dirigida, pois ninguém quer ser forçado a escrever ou a ler". Para Henriot, o escritor desempenha na vida pública o papel que lhe confere o seu talento. Outro a responder é Roland Dorgelès. Opinião idêntica. E Marcel Achard também não acredita em escritores reorientados.

Essa reorientação, ao que parece, não vem obedecer aos rumos da visão claudeliana. Ela toma um outro sentido. Realiza-se pelo lado político. O Estado interfere nas lêtrias e o intelectual, sem a liberdade de pensamento, é um simples "funcionário", aprisionando a inteligência em uma "técnica tóda oficial"...

E preciso, pois, saber de que maneira surge a literatura de um povo e o seu caráter de permanência, para logo ver que todos os meios tendentes a orientá-la, revestindo forma política ou ideológica, não fazem, sinão a sua asfixia, e, muitas vezes, causam a sua morte. Quando se diz que uma literatura reflete o momento social, isto não implica em uma visão unilateral que significa subordinação a épocas históricas. Seria um interventionismo aniquilador do pensamento insubordinado. Reflete o momento social porque sofre a sutil influência da cultura, tomando este termo no aspecto sociológico. Pois, é necessário ter em vista a plena rebeldia da arte, nos caminhos da História, para ver que a derrota militar da França não curva a mentalidade de um Claudel, ou de um Romain, de um Géraldy, ou de um Cendrars, e de tantos outros intelectuais. E Francis Carco, um dos entrevistados, falando sobre a independência artística perante a moral, concluiu depois, referindo-se à França: "A literatura do período 1914-1940 nada mais foi que um reflexo de uma época. A reorientação em nada poderá ser feita sinão admitindo uma absoluta liberdade de espírito. Sem liberdade não há arte. Não somos fornecedores".

E que o espírito francês, pela sua reconhecida independência, não se arredará dessa trajetória, dessa vida, dessa atmosfera.

Quando Tristão de Ataíde, pelas colunas dos "associados", referiu-se à derrota militar da França, não foi descrendo do seu renascimento, nem da sua volta aos caminhos *essenciais* da vida nacional. Exaltou a pátria de Romain Rolland, como um crente exalta uma religião cujos ídolos os iconoclastas deitaram por terra. Apenas, debruçado sobre o estudo das causas espirituais, apontava ele a nação, culpando-a pelo afastamento dos princípios eternos e, à maneira dos místicos, levantava a alma para o infinito. Mas — aí é que chamamos a atenção — reconhecida o seu valor como pátria originária dessa cultura que tanto vem influenciando a vida universal.

Pisando o território francês, os alemães ficariam convictos de estabelecer uma nova ordem. Na política? Admitiríamos. Na literatura? Impossível. Impossível, porque já vimos a sua independência. Isso, não implica em afirmar que uma literatura da guerra, possa desaparecer. Só desaparece a de uma revolução. É preciso não confundir. Pode haver uma sem outra. Assim, empalideceram as crônicas dos que, em 89, escreviam ao clarão dos incêndios, entusiasmados com a trilogia da *Liberte, Égalité, Fraternité*, postulados francamente revolucionários. Naquela hora, tudo era belo, porque, quando os escritores se debruçavam para apreender o momento histórico e a situação da França oprimida, contavam com a admiração coletiva dos esmagados que viam nas suas exaltações literárias verdadeiras estrofes de hinos vitoriosos. Mas, depois, quando se apagaram os clarões de incêndio que iluminaram os soldados heróicos de uma época, e a nação voltou à normalidade e seguiu o seu destino, as páginas que enalteceram a trilogia, foram para sempre esquecidas.

Da mais funesta consequência para a literatura francesa da atualidade, pareceria o controle da política sobre o homem livre que se vem preocupando pelo seu destino artístico. Nada mais lógico. Seria asfixiar a liberdade que se inicia nas suas fronteiras — esse mito que tanto exaltou Romain Rolland. Seria descontrolar o destino de uma literatura que representa a mais "ardente" e viva chama do espírito universal.

E M C O N F I A N Ç A

Escreveu MATHEUS DE LIMA
para Renovação.

Livraria. No ambiente amigo, o Amigo:
— Um poema ou a vida.
Fingindo o bom ladrão.
— Um poema? Dou-lhe a minha opinião.
(A opinião do poeta que ama a solidão,
Alegre, tranquila,
intrépida e casta como um botão).

Ora, vai que o poeta, mais que as palavras
do Amigo, o amigo das palavras inveja e teme.
As suas asas para a evasão.
E sente e teme a sua aproximação,
como a onda descuidada teme e sente
a aproximação do leme,
sua desmoralização.
Por isso o poeta sente e teme
a aproximação do Amigo,
assim como a pomba descuidada
(no seu ramo de oliveira,
a aproximação da gente
teme e sente,
montada numa maquina.
Sua poeira.
Suas rodas. Uma colisão.)
Assim a pomba descuidada
Alegre e casta,
intrepida e tranquila, como um botão.

E como êste guarda a flor e pressente o fruto,
e o ferro pressente a maquina,
e a estrela pressente a noite,
o poeta guarda os seus pressentimentos,
como a pomba guarda a cabeça entre as asas,
— alegre, tranquila,
intrepida e casta, como um botão.

Guarda os seus pensamentos e pressentimentos,
Os seus roteiros para uma hora melhor.

Alegre e tranquila,
intrepida e casta como uma flor.

RENOVAÇÃO POLÍTICA E ADMINISTRATIVA DO BRASIL
LUIΣ DE MAGALHÃES MELO

(Especial para RENOVACAO)

Abandonado por vários anos aos caprichos de uma política despida do mais sutil idealismo, o Brasil vinha se ressentindo profundamente na sua estrutura administrativa. Isto embora não queiram reconhecer os "snobs" da velha política, a verdade é que a Nação já não podia permanecer indiferente ao seu destino, vivendo como estava ao sabôr das competições partidárias. Si de um lado o regime parecia não corresponder à realidade da vida nacional, por outro, o desinteresse com que os nossos governos tratavam os problemas do Estado, concorria para agravar sobremaneira a situação de esfacelamento então reinante. No campo econômico o descalabro não fôra menor. Aparentemente fausto, o País não se mantinha senão às custas de empréstimos que se renovavam de quatro em quatro anos. Dir-se-ia então que o Brasil se transmutara em Babilônia ocidental.

O sr. Pedro de Carvalho Viléla em obra recente já observara numa síntese feliz, o grau de insensatez a que chegaram os nossos governos, apontando êrros e fixando diretrizes. Dentro da realidade brasileira, diz o autor, durante 48 anos de República, estou crente dessa verdade. A Monarquia legou à República uma população de 20 milhões; uma exportação de 40 milhões de esterlinas; uma Dívida Externa de 60 milhões; um saldo da balança comercial de 15 milhões e um serviço anual de juros e amortizações de 8 milhões. Ficam 7 milhões para atender folgadamente aos compromissos de caráter particular. Uma situação de perfeito equilíbrio. O que fizeram êsses demagógos desde 89? Fizeram o Brasil recuar à Colonia! A história da República é toda cheia de intentonas e quarteladas e golpes mais profundos na Constituição, com derrubadas de governadores, bombardeios da Baia e Manaus, para se colocar no poder o afeiçoados que pudesse ainda mais desgraçar o Brasil! Mas tudo tem o seu tempo. A Providencia legou-nos o guia e o golpe de 10 de Novembro encerrou êsse capítulo angustioso da Nação Brasileira. Analisemos o passado econômico da Republica. O Estado Novo encerrou a escrita da República com os seguidos algarismos: Dívida Externa total, 250 MILHÕES; Juros de Amortizações, 21 MILHÕES; Exportação, 40 MILHÕES; Saldo da Balança, 4 MILHÕES! Quadruplicou a dívida; triplicaram os juros; estancou a exportação e quasi extinguiu o saldo! Isto só quanto às Dívidas Externas". Preferimos transcrever esses dois balanços na íntegra, para não alterar a intenção nem a eloquência das cifras. Em verdade, tanto ao Brasil Império como ao Brasil República muito pouco está a dever o Brasil, com relação ao que deveria ser presentemente. Sabemos todos que de riquezas possuímos em estado potencial. As reservas do nosso sub-solo, magnificamente representadas pelo petróleo, pela hulha e pelo ferro, há séculos desafiavam

vergonhosamente a inteligência do nosso homem. É que nesse terreno sempre preferimos fazer concessões graciosas a magnatas de outros climas, antes de servir a um brasileiro por mais bem intencionado que fosse. Daí a falta de iniciativa particular e de estímulo ao trabalho físico ou intelectual. Raro terá sido, por exemplo, o brasileiro que ao tentar explorar o petróleo que lhe aflorava às terras, não haja passado por mentiroso, diante dos técnicos oficialmente designados para apurar uma verdade hoje evidenciada. Si no silêncio do laboratório ou da oficina de trabalho conseguia engenhar algo de novo e útil à sociedade, era suspeitado de loucura quando não fosse cair nas malhas do xadrez. Outro tanto porém não aconteceria se a iniciativa tocasse a um aventureiro de outra paisagem. Este pelo menos tinha a garantia da herança de um nome difícil. E o que é mais de admirar. Reclamavam para o desconhecido a dignidade do amparo dos poderes públicos. É justamente contra essa desvalorização pelo que é nosso que devemos reagir. Precisamos nos convencer de que o nosso homem é capaz de grandes realizações. A própria história do nosso povo é uma afirmação de fé e de trabalho construtivo. Sem razão justificável, no terreno político fomos levados à imitação, traduzida por estas palavras de brilhante sociólogo patrício, escritas em 1930: "Todas essas contradições e deficiências têm sua origem no fato de estarmos, desde os primeiros dias da Independência até hoje, a reincidir numa leviandade, cujas consequências têm sido incalculavelmente nefastas para a nossa organização e integridade nacional: a leviandade de imitar, nas duas ou três vezes que temos tentado organizar, constitucionalmente a Nação..." É bem todavia que digamos não haver faltado protestos por parte de alguns de nossos homens públicos, que viam nessa disposição imitativa dos nossos legisladores, "a causa da instabilidade administrativa e política da República." A felicidade do Brasil tem sido sempre essa de encontrar nos momentos mais críticos da nacionalidade, espíritos esclarecidos, que a tempo têm evitado a sua precipitação no abismo. Razoavelmente Alberto Tórres procurando justificar na Organização Nacional o seu projeto de reiforma à Constituição de 91, afirmara: — "A nossa vida política é um cenário de factos alheios à realidade social". E para não quebrar o ritmo dos valores reais do nosso povo, surgiu dentre o caos de 1930, um homem superior, o mêsmo que sete anos mais tarde haveria de assinalar com a sinergia do seu talento, a redenção do Brasil. Esse homem diferente é o Presidente Vargas, a quem o Estado Novo, cem por cento brasileiro e cristão, devemos a volta do País à ordem, à disciplina, à paz e ao trabalho. É dentro desse cenário tranquilo e justo que se vem processando a renovação política e administrativa do Brasil.

«A LUA IA APARECENDO...»

Ligia, sentada num banco do jardim 13 de Maio, pernas cruzadas, as mãos frias, o coração batendo forte, olhava para a entrada do parque. Os bondes passando, passando. Muita gente chegando para a festa. Aquele dia era o de encerramento. Pensava, pensava: «Meu S. José! fazei com que Jaime venha a festa...» — sim, só assim ele viria; o santo era milagroso. E se ele não viesse? Não, ele viria; o santo — muito bonzinho, milagroso! — nunca lhe havia enganado; não, ele nunca enganava. O santo era sério. Não gostava de divertirse ás custas dos seus protegidos. Se ele chegasse mais cedo dava tempo para assistir a primeira sessão do teatro, iria com ela e Nancy; os tres juntinhos — A dupla negra, cantava muito bem; eram os melhores artistas.

Os bondes chegavam. Ligia esperando — sentada ao lado de Nancy. O vestido de Nancy curto. Não tinha importância, ela era tão pequena?! — cinco anos... S. José receberia duas velas, daquelas de mil réis, se «ele» viesse a festa. Não lhe havia dito que chegava ás sete e meia? O teatro começava ás oito — dava tempo. E se adoecesse? Não, não adoecia. Jaime era um atleta — o rapaz mais forte de Olinda. Parecia Joe Louis...

O diabo é que faltavam vinte para oito e ele não chegava e... — que felicidade se chegasse! — o coração pulava dizendo que «ele» vinha...

— Nancy! — vamos olhar se vem algum «OLINDA?...»
— Vamos, Liginha. Cuidado com papai!...

E Ligia pensava enquanto andavam: «Papai não gostava de Jaime, tinha-lhe antipatia porque ele era moreno»...

Jaime não tinha medo de seu Alfredo — ele era um atleta. Ligia escuta um barulho distante. Corre pela calçada da Escola Normal. O barulho vem se aproximando. O coração batia, batia, batia...

— OLINDA! NANCY!... E' o bonde de Olinda; lá vem ele se aproximando.

Ficaram esperando. O bonde parou. Saltou muita gente, não viu Jaime. Então, ele lhe teria enganado? Não, não podia ser; Jaime não faria isso. O bonde foi embora e... «ele» não saltou! — o pessoal que saltara já se encaminhava para o parque...

Olhou o céu. As estrelas miudas e sucessivas, brilhavam distante, não tinha visto a lua. Papai não tinha vindo a festa. Ela perdera o teatro com Nancy — já eram dez horas. E «ele»? Porque não viera? Porque? Saiu para casa. Olhou novamente para o céu: por traz de uma nuvem — a lua ia aparecendo...

N A V I O S

Navios que vêm
Navios que vão
Conduzem o bem
Não sabem onde vão

Navios que vêm
Navios que vão
Tragam notícias
Do Imperador do Japão

Navios que vêm
Navios que vão
Levem um abraço
Ao poeta Salomão

Viajar é um festão
Fugir daqui faz bem
Nos navios que vêm
Nos navios que vão

HAYDN GOULART

CANÇÃO

Santa Luzia
coqueiro seco
Jaraguá

Como são frias
essas tardes de inverno na praia
como são frias e brancas
essas dunas do Sobral
e essas cidades, Maria,
que se escondem
na neblina da lagôa
e na neblina do mar...

Santa Luzia
coqueiro seco
Jaraguá

Nessa noite que é tão fria
qual é a historia mais triste, Maria,
que você tem pra me contar.

A F I C C A O B R A S I L E I R A E M 1 9 4 0
 MARIO SOUTO MAYOR

(Especial para RENOVAÇÃO)

Mil, novecentos e quarenta foi um ano pouco feliz para a ficção brasileira. Pouco feliz é a maneira de se dizer; foi estéril e houve até crise, crise de talento, de gêito para a coisa. Se não fôssem as estréias havia sido um ano quasi completamente vazio. Estréias como a de Perminio Asfora em "SAPÉ", romance onde o autor se revela um profundo conhe-

O FILHO DA IRA

Gastão Bittencourt de Hollanda.

Dos ruídos do mundo surgiu misteriosamente uma voz inconfundível que veio até mim como um clamor:

QUI VULT VENIRE POST ME ABNEGET SEMETIPSUM
 ET TOLLAT CRUCEM ET SEQUATUR ME.

Depois um côro místico levantou-se no seio da noite, falando pelos salmos de David.

Sentí a brasa do Profeta purificar-me igualmente os lábios que não mais serviram para esconder os meus pensamentos.

Amei a beleza de todos os seres criados e saí para a solidão dos desertos.

Olhei verticalmente para cima e uma multidão de estrelas vazou os meus olhos transformando-os num espelho do céu, enchendo-os de claridade mística, bendizando das alturas o que vem em nome do Senhor:

BENEDICTUS ES, DOMINE, IN FIRMAMENTO CÉLI:
 ET LAUDABILIS, ET GLORIOSUS, ET SUPERE-
 XALTATUS IN SAECULA.

Fiquei depois encerrado em grossas paredes que tapavam o sol e entre sombras gigantescas percebi os segredos do mundo.

Vaguei em vigília pelos corredores vazios e odiei também o nada vasto e negro.

Três monges arrebataram-me para a pedra do Sacrificio e o meu corpo se desfez para sempre das injurias humanas. Um profundo aniquilamento tomou-me o coração e caí inerte por horas intermináveis.

Pedi por aqueles que sofreram por minha culpa e em cada membro meu nasceu uma chaga profunda que me alimentaria pelos séculos afóra.

Depois da noite metafísica a Primavera entrou no meu quarto; eu ví o mar abrindo-se e milhares de peixes cheios da gloria de Deus;

eu ví o céu abrindo-se e milhares de passaros cheios da gloria do Senhor dos Exercitos. Então eu preferi ser o último na Sua casa e abandonei o palácio dos impíos.

HOSANA IN EXCELSIS!

Olinda, 25 — 3 — 1941.

cedor da sociopsicologia do nordeste assim como também um mediocre paisagista quando começa a fazer uma pintura local e fala ainda no "astrô rei". Estréia com Alirio Vanderlei em "BOLSOS VAZIOS" outro romance sem vida exterior, lembrando, por vezes, a ficção subjetiva do velho Machado de Assis, tão do gosto de Graciliano Ramos em "ANGÚSTIA", um dos maiores livros da nossa literatura. Com José Carlos Cavalcante Borges em "NEBLINA", uma singularíssima coletânea de contos marcados com interessante cotidiano que deixa ver alguma coisa de Mansfield em "THE BAY", contos que retratam a alma nordestina com espontaneidade como em "Coração de dona Iáia" que abre o volume, prêmio primeiro no concurso de contos organizado pelo jornal "Dom Casmurro" do Rio. E outros estréiantes na poesia, como Manuel Cavalcanti em "LANTERNAS PELA NOITE", onde vamos encontrar poemas admiráveis como "Nordeste", original, ótimo até; onde vamos encontrar também poemas como "Teatrinho" (pág. 17) se parecendo com Ronald Carvalho e "Um poema de Natal" (pág. 65) com aquêle gêito que Jorge de Lima quando fala de negros-velhos, etc.

Deixando os estréiantes, João Dornas F.º deu publicidade à "BAGANA APAGADA" e Joel Silveira, que em 1939 estréou com "ONDA RAIOSA", contos que sómente ele sabe escrever quando traduz a vida simples e humanas de seus personagens vivos que pululam em suas páginas, esse Joel apresentou "ROTEIRO DE MARGARIDA", que tem o mesmo sentido de técnica interpretativa.

No romance, Érico Veríssimo apareceu com uma extraordinária edição de vinte mil exemplares de "SAGA", romance vasado, como sempre num profundo sentimento de humanidade e compreensão de tudo que é problema humano, bem dispôsto técnicamente no começo e apressadíssimo na última parte, quando Vasco — o mais simpático personagem da ficção nacional — anuncia a sua volta à terra, dizendo que "o mal do nosso tempo é que os homens se afastaram demais da natureza" (pág. 126), deixando a Terra onde vivem as coisas puras e simples, emigrando com destino às grandes cidades onde predominam o vício, a carne e o crime.

Enquanto a ficção brasileira mostrou-se estéril durante mil, novecentos e quarenta, a estrangeira invadiu a vitrina das livrarias com grandes romances americanos, ingleses e francês, como REBECA de Maurier, AS CHUVAS VIERAM de Bromfield, A VINHA DA IRA de Steinbeck e outros. Os escritores brasileiros passaram o ano todinho fazendo traduções e se esqueceram de escrever, ficando o tempo tomado.

E que fizeram Jorge de Lima, Graciliano Ramos, Telmo Vergara, José Lins do Rego, Amando Fontes, Vianna Moog? Promoveram grandes romances. Nélia Reis vai entrar em quarenta e um com "O RIO CORRE PARA O MAR", um romance fervendo. Jorge Amado trabalha em "SINHÔ BARDÓ". Luiz Martins já deve ter publicado "FAZENDA". Lins do Rego em "MÁI DAGUA". Só promessas, promessas, promessas.

Vamos ver se o ano novo será mais fértil. Faço votos.

NUERTE DE UN LUCHADOR

La hora de aquella noche
estaba partida en dos,
la mitad era de plata
y la otra de charol.

Aquí abajo mucha sombra
y allá arriba mucho sol,
y mucha insidia en las calles
y en las casas mucho amor.

Y aquella noche estrellada
no la puedo olvidar yo.
De un horizonte perdido
venía una suave voz.

Sonaron cuatro disparos
y más nunca oí la voz.
Voz que se quedó en los labios
sin poder decir adiós.

La gente corrió hace el sitio
donde Rafael cayó
con una herida en la espalda
y tres en el corazón.

Cuatro heridas cual granadas
manaban sangre y canción.
Sangre de paloma y cóndor,
canción de hiel y limón.

! Como es de negro en la noche
el perfil de la traición !
Segar una vida joven
y amante de Patria y Dios.

Vida que subió a la cima
y al charcal jamás bajó,
como bajan los cobardes
que han nacido sin honor.

Vida que llevaba adentro
voluntad y abnegación.
Vida que amparó el derecho
y execró la humillación.

Las miradas confundidas
presas de ira y dolor,
por las callejas buscaban
Las huellas del matador.

Y, lograron ver apenas
en la obscuridad el fugor
de sonámbulos cocuyos
y de un huérfano farol.

! Cómo es de negro en la noche
el perfil de la traición !

A. Francisquez Guzman
Ext. de "Grito"

VEN, PERNAMBUCANA

Jo he de tener un mocambo
por el camino de Olinda
aún no sé como ni cuando

No me niegues tu mano
piénsalo bien
Porque si eres redicha
pierdes la dicha
de vivir en él

Por el camino de Olinda
jo he de tener un mocambo
para que descanses, nina.

En la puerta sin puerta
tú me verás :
la guitarra en la mano,
canta que canta
que te cantarás.

Dioses de noventa cielos,
mozos de noventa razas :
tocad panderos, que viene
mi pernambucana.

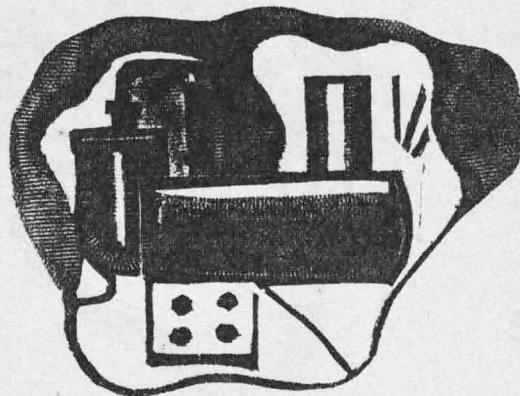
Ay las torres de Olinda
que bonitos son !
y los cocoteros,
y los limoneros,
y los platanares,
y tantos millares
de avecillas lindas...

Ay Olinda
Ay nina !
de mi corazón !!

A C A L D E I R A Q U E G E M E

ADEMAR VIDAL

(Especial para RENOVAÇÃO)



O engenho está moendo em ordem. Todos se acham a postos, cada qual na sua faina determinada, ninguem se metendo na seara alheia. Tudo muito regular na sua marcha alegre e mesmo pitoresca. Ouvem-se os canticos da negralhada botando cana para moer. Aquele «olha a cobra verde enroladinha» ou então: «tira a mão das cadêras mulatinha». Há cantoria por todos os lados. Nesse trabalho constante pezado ninguem bebe, ninguem se atreve a tomar um góle de caxaça, pois que todos sabem as vontades do senhor que está na casa grande, na conversa de família. Vão beber depois do serviço. Aí sim é que é beber de verdade. Todavia, no dia seguinte, ás mesmas horas de sempre, está tudo pegado firme no trabalho, não faltou nenhum. E a alegria continua a mesma nas pilherias, nos ditos, nas advinhações (o que é, o que é? mastiga, mastiga, mas não engole? — rodete de casa de farinha), e nos versos de côco e emboladas ligeiras. Tem negro que «tira» com uma rapidez tamanha que chega a não se poder acompanhá-lo nem de ouvido. Faz confusão na certa.

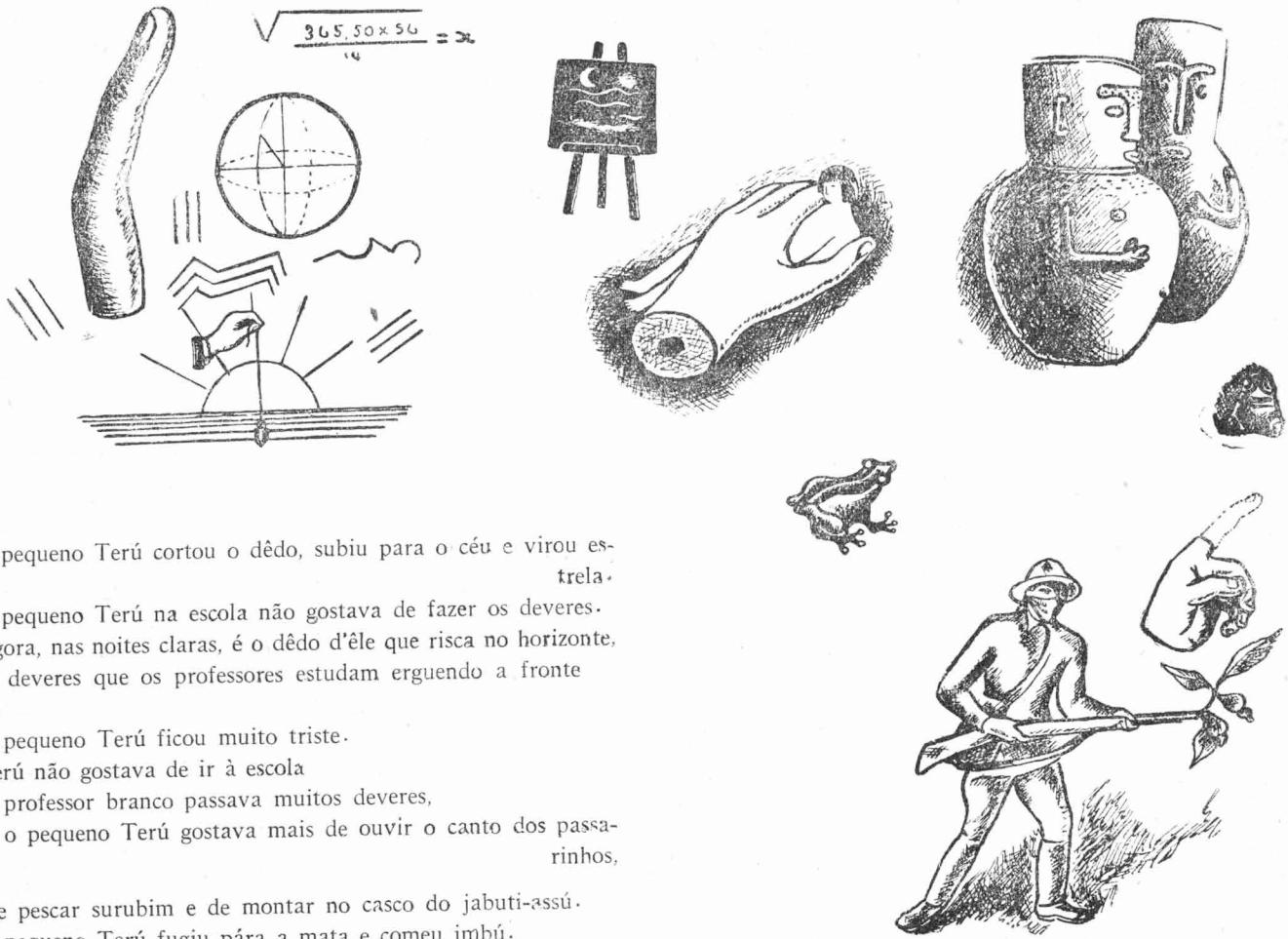
O ambiente mostra-se muito agradável. O visitante fica horas inteiras sentado, espiando o movimento incessante, igual, igual, porem nunca monótono nem enfadonho. Rola o trabalho o dia todo e parte da noite. De repente a caldeira dá um gemido. Será possível? Ouviram? Todos ouviram. Não há dúvida, a caldeira gemeu, tornou a gemer, repetiu-se a dôse, não deve haver mais incerteza. Aquilo é raro, senão raríssimo na vida do engenho e tem significação muito particular. É sinal matemático de que o dono vai morrer. Ele se acha na sala da casa grande conversando com as pessoas da família na mais franca animação. Leu os jornais que vieram de Recife, repleto de notícias frescas. Informa a todos os seus o que se passa por este mundo de Deus. Não fica nada que não conte. E depois começa a pensar no passeio que deve dar no fim da safra. Viajar é bom. Levará todos consigo, desta vez levará. O assucar anda na alta e deve deixar compensador resultado este ano. Está assentado, é coisa resolvida, a viagem há-de ser longa, visitarão as capitais do sul e quem

sabe? talvez seja possível até um salto a Buenos Aires. São cogitações animadas e justas.

Agora vai dar uma espiadela de fiscalização no engenho que apitou. Ele não apita assim fóra de horas. Alguma complicação houve. E segue com o seu cacete na mão, cachimbo na boca e metido numas botas altas, quer olhar como anda o serviço, se há necessidade de alguma providência. Tudo ordenado. Nada de novo, apenas o mestre lhe disse, um tanto assustado, que a «caldeira gemeu». E fogo demais, «mande baixar a pressão». Mas o mestre espia o senhor com um ar desconsolado, ele que não quer acreditar naquela história triste, entanto é a verdade sem contestação: a caldeira geme como indício de que está para acontecer uma desgraça fatal. Não há quem dê geito em sentido contrário. O senhor não aceita o que se diz na voz do povo, porém o mestre não tem a menor dúvida, a morte do patrão está assentada para breve, e trate de pôr as contas em dia, trate de arranjar a família, não se desuide do testamento, cuide de ficar bem a sua alma com as graças divinas. Não há quem dê geito, a caldeira gemeu e se ela gême, é a fatalidade, é a morte. O senhor se anda de excelente saúde, não se deixa levar na superstição, erra, está errado, vai ver: nem talvez veja por falta de tempo, pois vem sempre de repente.

No caso descrito, dias depois, a família chorava o subito desaparecimento do seu chefe, que nascido e crescido ali, vivendo a vida toda no meio do engenho, sabendo de tudo quanto se conta de agouros, tanta história trágica, teimou em não considerar o «aviso» e sendo assim teve de deixar os negócios atrapalhados, meio atôas e que iriam servir de pasto ótimo para a fome insaciável dos advogados. Com gemido de caldeira não se brinca, deve-se levá-lo muito a sério, é sinal de que chegou a hora, prepare-se o dono do engenho, diga adeus, faça as suas recomendações, a viagem há-de ser longa, irá além das capitais do sul, irá muito além de Buenos Aires, é a viagem da liberdade por todos os continentes e por todos os oceanos.

TERÚ IACITATÁ POR ANDUBIRUMO
ELEGIA DO PEQUENO TERÚ QUE VIROU ESTRELA



O pequeno Terú cortou o dêdo, subiu para o céu e virou estrela.

O pequeno Terú na escola não gostava de fazer os deveres. Agora, nas noites claras, é o dêdo d'ele que risca no horizonte, os deveres que os professores estudam erguendo a fronte

O pequeno Terú ficou muito triste.

Terú não gostava de ir à escola

O professor branco passava muitos deveres,

E o pequeno Terú gostava mais de ouvir o canto dos passinhos,

De pescar surubim e de montar no casco do jabutí-assú.

O pequeno Terú fugiu pára a mata e comeu imbú.

Correu, correu muito, porque o homem mau queria pegá-lo.

A' noite Terú parou cançado.

A lua teve medo e escondeu-se por detrás das nuvens,

Para que a sua luz não denunciasse a presença de Terú.

(O homem mau trama com os investigadores a captura de Terú).

Terú pensa na liberdade perdida.

Lembra-se da onça pintada e da suquarana,

Que o seu dêdo no arco a todos vencia.

Terú de calças vira caipora.

Terú para libertar-se da angústia de escrever, corta o dêdo.

Terú perde muito sangue e adormece.

O dêdo de Terú sai rolando.

O cabo do eito denuncia aos policiais

A passagem pela estrada de um dêdo sem corpo.

A dona da casa grande, na capela do engenho reza pela liberdade de Terú.

O velho coronel com a peixeira na mão, pica fumo e maldiz o abuso da autoridade.

O dêdo de Terú bate á porta da casa do seu tio e pede agasalho.

A porta fica fechada porque os moradores tiveram medo de malassombro.

Ele corre às malocas vizinhas,

Ninguem responde.

Terú pensa: O que é que eu vou fazer?

O meu dêdo sosinho não pode comer nem falar.

Terú pede então ao gavião que o leve para o céu

O gavião obedeceu.

O homem mau morreu de raiva.

O investigador nada comprehendeu.

O dêdo de Terú virou estrela,

E o pequeno Terú riu-se, riu-se, adormeceu.

" P O E M A S D E B O L S O "

S I L V I N O L Y R A

Emitir opiniões sobre o livro de Vicente do Rego Monteiro, sem conhecer um pouco de sua psicologia de artista e do seu senso prático da vida, é assaz impossível.

Ao par do revolucionário, do dinâmico, o Vicente sabe ser contemplativo estatificado diante das belezas plenas, ou da inutilidade dos movimentos.

E desse espírito profundamente prático, coisa pouco comum no artista, é que contrasta a sua psicologia.

Possue o arrebatamento inconstante dos moços, a tenacidade do crente e do idealista, a contemplação dos poetas e o descuido dos artistas, sem descuidar à experiência dos velhos.

Por isto, como poeta, Vicente jamais poderia fazer algo definitivo. Agitador no bom sentido, o poeta da pintura, pintando poemas, confeccionou o quadro da confusão contemporânea.

Nada, no domínio da exterioridade, dizem os seus "Poemas de Bolso". Todavia, no plano da interioridade do artista, esboçam o quadro da inutilidade das construções serias nas horas interinas.

Crisapodoluxestiolário, tem na expressão quilométrica do título, a confusão vocabular do poema, que traduz a tendência do momento para o fabuloso inutil.

É sátira das mais finas.

Para mim, o mérito dessa agitação poemasca, é justamente a paciencia alfarrábica de rabiscar tantas preciosidades literárias, apenas no intuito de "não dizer nada".

Carnaval frevo, si fora um quadro, nêle encontrariamos à perfeição das linhas a poesia das cores.

Como poema, é um quadro sem ideações poéticas, trio, real, sem os recursos pictóricos de um grande artista.

"Poemas de Bolso", é a filosofia da inutilidade do esforço construtivo mostrando a indecisão de uma hora em que o "barulho quebra a monotonia da cena muda da vida", o que quer dizer ausência das harmonias ritmicas.

Além do mais, ressalta nos poemas de Vicente, muito do espírito francês.

Na minha opinião de outra maneira não seria possível homenagear, a não ser como fez Vicente, a instituição nacional do jogo do bicho, que fez revoluções e desafia ainda na metropole, o zelo das autoridades.

O jogador do bicho é tenaz.

A fêzinha faz parte de sua psicologia. O futuro, está condicionado à notícia do bicho do dia.

Conheci mesmo um desses confiantes do acaso, que ia deixar o emprego, porque não havia banqueiro que se aguentasse com os seus palpites.

Creio que em tudo há poesia para o homem. Até mesmo existe a poesia da não poesia.

E si não houvesse poesia no livro de Vicente, melhor poesia não se podia encontrar do que a poesia das coisas sem poesia.

Este aparente contraste que intenta mostrar o autor na sua obra, em a "Chamada do arquipélago dos escravos", sente-se da "clareza das coisas obscuras, do dinamismo do peso morto, da inteligência dos sólidos, da grandeza dos átomos, da profundidade das superfícies, da pequenez das coisas incomensuráveis, da velocidade estática dos astros", etc...

"Poemas de Bolso" é bem o caso que faz das opiniões quantitativas, o autor.

É como diz o próprio Vicente, o grande prazer de errar sempre.

Aliás, não há negar, é uma das maneiras mais fáceis de chegar-se a ser discutido e meditado.

Está pois de parabens, o Vicente do Rego Monteiro, com a sua interessante observação sobre a época e as coisas em seu ótimo humor "pictórico poético".

Demonstrar o inútil, não é nada vulgar. Não ser compreendido e ser mesmo incompreensível, é algo notável.

UMA OPINIÃO DO SR. MARIO MELO, SECRETARIO PERPETUO DO INSTITUTO HISTÓRICO, DA ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS E DA FEDERAÇÃO CARNAVALESCA

Falou-se, há meses, na convocação dum Congresso de Poesia aqui no Recife.

Tratando-se como se tratava, de movimento espiritual, fiquei satisfeito com a idéia, mas esfriei logo, porque os convocados do Congresso em grande maioria, eram pseudo-poetas. Guardei meus aplausos pondo-os em resguardo.

Enviaram-me agora, pedindo-me a opinião, um exemplar dos *Poemas de Bolso* "em fraternidade poética instantânea ao 1.º Congresso de Poesia do Recife". É de autoria de um dos convocados do Congresso.

Li-os.

Nunca vi, na minha vida, tanta coragem, ou alternativamente, atestado tão flagrante de inconsciência!

Vou dar mostras:

Um poema intitulado *Carnaval frevo*:

"Um guarda chuva
dois guarda-chuvas
cem guarda chuvas
corrupiam
rodopiam
entrechocam-se
dansam

e os pés

gotas
gotejam
no chão."

Isto é poesia e isto um poema.

Não se riam! . . .

Aqui vai outro, com o título (tomem respiração) *Crisapodoluxestiolario*:

"Hexápoda crisálida
nasceste
tricentésima
triada
da vida

POEMA 100.º
NACIONAL

123456

12345678

1234567890

1234567890

1234567890

PARA
HOJE



Vicente do Rêgo Monteiro,
"Poemas de Bolso"

PERGUNTA LANÇADA NA NOITE

Aqui nêste terraço inabalável
onde os meus amigos bebem cerveja
e o vento leve nos açoita as faces
eu me debruço no parapeito
(ó a fascinação misteriosa dos abismos)
e contemplo a cidade embuçada na noite.
Lá em baixo o movimento dos homens
das ruas das luzes
o ruido da vida — não ouvem?
que chega até nós tão diluído.
Na distancia o navio de aço iluminado
e o grito isocrono de luz do farol
como uma certeza.
Ai! que será de mim
que será de nós amigos?

ALUIZIO MEDEIROS

DE TARDE

Desperta, minha amiga, ouve
como os passarinhos riem de contentes
escutando as cantigas do vento.
Tu, mais do que nunca, estás triste,
vês além, na planície, os grandes lírios boquiabertos
aspirando os aromas da tarde.
Vai anoitecer, e eu nem sei, querida minha,
se a noite será bela para o amôr,
ou se as sombras saberão dizer-te
os meigos cantos de ninar!
Talvez a noite seja escura
e não tenha horas para o sonho.
Talvez, ó Amiga Minha!
Mas, em meu coração, há uma porta aberta
e, se tiveres medo, nela poderás entrar.

MILTON PERSIVO

ALGO

Era a chegada do grande homem.
Os pequenos homens gritam frenéticos
saudando o grande homem.
Dizem que ele é eterno,
porém seus gritos esvoaçam na multidão de lampadas acesas
penetrando no coração dos humildes como mágoas.
O Poeta também foi à sua chegada.
Viu o grande homem
soberbo, diplomático.
Viu as meninas da sua terra
bestamente vestidas,
apressadas...
Ouviu os acordes sublimes da orquestra
que conduziram os seus pensamentos
à lua linda de neve
que naquele momento era samaritana.
Andou, andou até os pés ficarem doridos.
Respirou muita poeira
misturada com perfumes excitantes.
Pisou nas ervas macias
onde seus pés descansaram.
O Poeta viu muito, viu muito,
viu a partícula mais partícula da Poesia!

CLAUDIO TUIUTÍ TAVARES

NOTAS SOBRE A POESIA DE VICENTE DO REGO MONTEIRO
LÉDOIVO

Dante de um livro de poesia de Vicente do Rêgo Monteiro, não podemos deixar de lembrar-nos de sua obra pictórica, que o coloca entre um dos mais altos expoentes da nossa renovação artística. Ao primeiro olhar, somos inclinados a considerar sua poesia como uma aventura do pintor no mundo espetoso das musas — o que, de certo modo, é justificável, pois os "Poemas de Bolso" que ele vem de nos apresentar, se bem traga algo de novo, a começar pelo trabalho gráfico do livro, está fortemente impregnado de suas experiências no terreno da pintura, que ele transfere, por vezes com prodigiosa felicidade, para a poesia. Aliás, pode ser considerado um livro à parte na produção poética brasileira, pois não se lhe nota nenhuma ligação de relevo com as escolas que predominam entre nós. Não seria de todo exagerado referir ao clima francês que domina todo o livro, a começar pelos poemas escritos na língua francesa, que são francamente mais sugestivos do que os redigidos em português.

Não sabemos, antes de um exame mais rigoroso, se estamos diante de um poeta ou de um pintor — sabemos unicamente que nos encontramos na presença de um artista. Isto, realmente, não tem nenhuma importância, pois a poesia, a pintura, a música e outros "misterios" se encontram, atualmente, tão unidas, que há algum absurdo em medir-lhe as fronteiras

e separá-las.

Vicente do Rêgo Monteiro, por exemplo, nos "pinta" coisas admiráveis, desde o retrato de Recife,

"Grande espelho refletor de fabuloso cineasta"
Continuando em suas noites, nas quaeas
"Uma parisiense passeia o seu "spleen" e o seu sanguim.
Abacaxis, cujas pintadas e gravadas de estranhas inscrições
"meu amor"

Que o sr. Olivio Montenegro, certamente, haveria de denominar de "notas catitas", mas que justificamos, reportando a Rimbaud, quando se referia a essas pequenas coisas maravilhosas e habituais, "peintures idiotes, dessus de porte, décors, toiles de saltimbanques enseignes" (Une saison en enfer).

Não podemos definir seu clima poético: se é aquela atmosfera de sonho que se caracteriza nesse admirável Willy Lewin e mesmo em João Cabral de Melo Neto. — Há, é inegável, uma pintura plástica, quasi técnica, de coisas fabulosas e irreais. E é essa técnica que chega não digo a prejudicar, mas a tornar muito grave o ar de certos poemas, como o "Giorgio de Chirico". No entanto, existe em Vicente do Rêgo Monteiro, uma certa acrobacia que o afasta do ambiente lógico, acrobacia que chega a se revelar em "Crisapodoluxestiolario", de um modo bem significativo, em que a beleza do poema se patenteia por intermédio de vocábulos, alguns bem estranhos, outros arcáicos, e vários que solicitam exigen-temente uma completa ginástica gramatical de nosso espírito. "Ua manhã em algum lugar da Europa" foi acentuadamente prejudicado pela "pintura", em vista da intenção do autor de focalizar um quadro, e me parece o menos favorecido dos poemas que enfeixam o volume, o que não acontece com

"Essais Transatlantiques", "Mon onde était trop courte pour toi", "L'appel de l'archipel aux esclaves", onde a poesia aparece, belíssima e temerária. Entre os grandes poemas do livro, é impossível deixar de citar "Poème cylindrique en spirale", "Geo-Charles" e essa interessante "Elégie pour un aviateur mort", sem esquecer esse "Poema 100% nacional".

Vicente do Rêgo Monteiro nos deu um livro que possui qualquer coisa de grande, de impressionante. Talvez o poeta não seja maior do que o pintor, mas "Poemas de Bolso" nos causa espanto e se enfileira, em verdade, entre nossos grandes livros de poesia. Sua presença entre nós, usando a linguagem de Osvaldo de Andrade, "é incomoda e espetacular como o surrealismo".

"Diário da Manhã", 11 2-941.

ESCREVEU CRESO TEIXEIRA

Natal, 15/2/41

Meu prezado Vicente do Rêgo Monteiro. Li com interesse os seus "Poemas de Bolso". Senti como você a confusão de um século sacudido pela máquina e deprimido pela expectativa. Não sei como se vive tão intensamente uma época. Só um pintor seria capaz de fixar instantâneos tão sugestivos da alma de um poeta.

Você fez esse milagre. Dividiu-se em dois permanecendo o mesmo. O seu caso é bem o de uma lente extremamente sensível, em cujas faces vibrassem unissonos o pintor e o poeta, numa solidariedade capaz de fazer ver e sentir o mundo na sua mais viva realidade. E por isso, talvez, conseguiu animar figuras geométricas, dando corpo às mais transcendentes concepções dos homens e das coisas.

Aliás, já Pitágoras, arranjando uma base matemática para sua doutrina filosófica, dizia ver na alma apenas um número em movimento. Você, descrevendo uma órbita em torno do mundo, pôs um marco na história e foi surpreender a humanidade num dos seus instantes de maior inquietação. E com isso, transformou o Recife num centro de projeção, convertendo o Nordeste num ponto de referência para as velhas civilizações.

Os seus pequenos poemas integram qualidades de um grande livro. Estou certo de que foi lançado um dos temas mais interessantes do próximo Congresso.

Com um abraço afetuoso, receba as felicitações do

CRESO TEIXEIRA

U M A B I O G R A F I A D O P A D R E N Ó B R E G A

N I L O P E R E I R A

(Especial para RENOVACIÓN)

1 Entre os dois biógrafos que dividiram entre si, irmãmente a história do Brasil" — o sr Jorge de Lima, escrevendo a história de Anchieta, o sr. José Mariz de Moraes, traçando o perfil de Nóbrega — o leitor menos habituado a esse gênero de estudos, pode concluir que o último realizou uma obra muito mais interessante e mesmo muito mais notável. Essa superioridade que, no plano rigorosamente histórico, alcança o sr. José Mariz de Moraes, não é devida — convém logo salientar — ao ineditismo do seu trabalho — o primeiro que aparece na literatura luso-brasileira sobre aquele jesuíta — mas ao método que seguiu, à vasta e densa documentação a que recorreu e à ausência de "romance" que, em boa hora, se faz sentir na sua biografia. É verdade que Nóbrega, muito menos do que Anchieta, se prestaria a uma biografia romanceada; mesmo assim, não seria difícil para o sr. José Mariz de Moraes, que se iniciou na literatura como romancista, dar à vida rude e essencialmente prática do padre Nóbrega algumas tonalidades novelescas, do gênero dessas que andam por aí deformando as figuras e os episódios históricos. Já aí temos uma virtude do livro. Na Introdução, o A. salienta que os biógrafos-romancistas "perpetram dois crimes contra a liberdade literária: alargam a da história e estreitam a do romance, com o que ambos saem perdendo, e o leitor também". De modo que aquêles que desejassem — como era natural — o aparecimento de um livro em que a vida do padre Nóbrega fosse integralmente estudada e constituisse, por isso, uma forte e expressiva contribuição à história do Brasil-colonial, essa virtude do primeiro historiador de Nóbrega já seria bastante tranquilizadora no empreendimento de tão urgente tarefa. E o sr. José Mariz de Moraes, mesmo quando fala de certos aspectos possivelmente líricos da vida de Nóbrega, acha que esse admirável jesuíta gozava "a felicidade ao luar", em certa noite de agosto, quando falava aos indios, ouvindo "ruidos da selva adormecida", — não pratica nenhum lírico nem escreve, com isso, nenhum esboço de novela. Creio que com esse vago tom romanesco o cronista quis quebrar um pouco a secura, digamos assim, daquele que, sendo, como é ele afirma, político e estadista, tinha talvez o espírito pouco propenso à poesia... Com efeito, Nóbrega não foi poeta, enquanto Anchieta o foi. Isso explica, possivelmente, o lírico com que o viu o grande poeta, que é Jorge de Lima. Daí toda essa vasta "magia" em que imerge a biografia anchieta, na qual as cenas mais fortes da sua admirável vida moral se revestem, para muitos, de puros aspectos líricos e românticos. Como outros jesuítas não tiveram a ornar-lhes os nomes essa auréola que tão intensamente feriu a sensibilidade brasileira, acontece que ficaram injustamente esquecidos ou relegados a um plano inferior. Foi em nome dessa sensibilidade lírica que Euclides da Cunha se reconciliou com a Companhia de Jesus, este sendo, para o autor *d'Os Sertões*, o "maior milagre" do jesuíta canarino. Ai não só se admite o milagre anchieta, mas também a obra de filtração de ódios e rancores de que só aquêle heróico corcunda foi capaz nessas plagas brasilienses... O reverso da medalha é o que nos oferece agora o sr. José Mariz de Moraes, para quem o maior jesuíta não foi Anchieta e sim Manoel da Nóbrega. Nesse ponto, o ângulo psicológico não é o mesmo: o sr. José Mariz de Moraes não se sente reconciliado e não é em nome desse sentimento que vem depôr. Todo o seu livro é uma justa e brilhante apologia da Companhia de Jesus, não só no Brasil como em to-

da parte, pois ele não divide a ação e a formação moral dos jesuítas de acordo com a geografia, o clima e os interesses políticos como fazem alguns interpretantes da Companhia... Ele reconhece e proclama a unidade moral e espiritual da S. J., e tem autoridade para fazê-lo, pois conhece bem de perto os jesuítas, ao lado dos quais realizou, aqui em Pernambuco, belos movimentos de ação social e de expansão cristã, tudo sob a secular bandeira jamais desmentida — *ad majorem Dei gloriam*.

Mas, o sr. José Mariz de Moraes, escrevendo a biografia de Nóbrega, pretendeu, como afirma categoricamente, demonstrar a primazia desse jesuíta sobre Anchieta. Este é "o móvel central do livro" — observa na nota 2 relativa à *Introdução*.

A história do padre Nóbrega é um desses capítulos da nossa vida colonial que, como afirmaram Capistrano de Abreu e Pandiá Calógeras, há muito devia estar escrita. Ele resume uma época de tamanhas lutas e dificuldades, uma obra de tão profunda significação para o Brasil e para a Fé, imprimiu à catequese e à formação colonial diretrizes tão fortes e tão puras, que a sua vida, com a dramaticidade e o equilíbrio de que se reveste, é a nossa própria vida, o nosso próprio drama. Não é de admirar que, deante dele como deante de Anchieta, até os historiadores protestantes, à maneira de Southey, tenham se comovido e tenham exaltado o trabalho ingente da unidade pela Fé e da salvação dos brasões pela educação inaciana. Apesar da monumental obra em que o padre Serafim Leite, escrevendo a história que Capistrano dizia ser a história do Brasil, no seu tempo incompleta e deficiente, vem esgotando o assunto, um estudo à parte da figura de Nóbrega não podia deixar de ser encarado senão como um esclarecimento e uma indicação a mais para um conhecimento profundo da nossa época colonial-catequética.

Ao terminar a leitura do livro do sr. José Mariz de Moraes, verifiquei que o A. teve qualidades de historiador e de psicólogo para levar a cabo essa obra realmente urgente e patriótica. Num ponto, porém, discordo do escritor pernambucano: é quando ele escreve a sua biografia com a preocupação de estabelecer uma "primazia", que logo se vê na legenda que pôs sob o nome do seu biografado: — "O primeiro Jesuíta do Brasil".

Para demonstrar essa primazia, que dá ao julgamento de uma obra cristã e sobrenatural uma hierarquia de significação puramente humana, recorre o A. a vários fatos e a várias interpretações. Em primeiro lugar, estabelece que, em Nóbrega, existe, ao lado do missionário, o estadista e o político, o homem fino e sutil, amigo pessoal de D. João III, o inspirador de Tomé de Sousa e de Mem de Sá, o genial gizador de planos, entre os quais o da expulsão dos franceses da Guanahara. Enseguida, Nóbrega se revela, ao contrário de Anchieta, um missionário extremamente paciente com os indios, além do que, no tocante à defesa da liberdade dos selvícolas, Nóbrega mais do que o seu companheiro merece o título de Apóstolo do Brasil. Nesse ponto, diz o A. textualmente, a primazia "é de uma evidência meridiana" (pag. 78). Ainda no que se refere à paciência evangélica de Nóbrega, em contraposição ao que, de acordo com a linguagem do A., se poderia chamar — a violência anchieta, diz o sr. José Mariz de Moraes que, ao escrever a famosa frase — "Para esse gênero de gente (refere-se aos indios) não há melhor pre-

gação do que espada e vara de ferro" — Anchieta, conquant o não tenha posto em prática esta doutrina, se revela um "islâmico" em matéria de catequese (pag. 79). Este conceito repetiu-o o A. à pag. 141, falando no "modo islâmico de interpretar o pensamento cristão de Nóbrega. Era o exagero do discípulo de deformar o pensamento do mestre". E então à violência teórica do canarino opõe o padre Nóbrega a fórmula — "sujeição moderada".

2 É no tocante à liberdade dos indios e ao modo suave e brando por que os mesmos foram tratados pelo padre Nóbrega que o sr. José Mariz de Moraes encontra, logo de inicio, a pedra-de-toque da "primasia" que defende tão ardorosamente. Mas, eu pergunto se essa liberdade e essa brandura, constituindo, como constituem, o fulcro do sistema inaciano de educação dos selvícolas, não deviam ser postos em prática por todos os jesuítas, sem distinção, e onde quer que eles agissem e venham a agir, pois a Companhia é a mesma por toda parte, seu conteúdo espiritual e pedagógico independendo de quaisquer influências exteriores. É claro que o sr. José Mariz de Moraes concorda plenamente com isso, pois, como já tive ocasião de salientar, conhece bem a Ordem à qual dedica no seu livro algumas páginas simples e eloquentes. Por que, então, essa diferença entre os dois jesuítas — Nóbrega e Anchieta — um paciente, outro islâmico? É verdade que o A., abordando esse tão discutido islamismo, logo reconhece que Anchieta nunca praticou a doutrina que expendeu na celebrada frase. Mas, mesmo assim. Para um jesuíta, ser "islâmico", ainda que teóricamente, é coisa bem grave. Para um jesuíta, como para um cristão qualquer, pois não há coisa nenhuma que possa aproximar e reconciliar as suas civilizações — a da meia-lua e a da Cruz.

A propósito desse islamismo anchieta, cita o sr. José Mariz de Moraes o "conciencioso trabalho" do jesuíta Quiríco Caxa, que considera, com razão, "o primeiro trabalho jurídico-moral escrito no Brasil a favor da liberdade humana em geral, e a dos indios em particular" (pag. 78). Talvez se pudesse opôr esse trabalho à famosa frase do padre Anchieta... E, então, ao lado da suavidade e da brandura, teríamos pura e simplesmente a agressividade do Apóstolo do Brasil... Não digo que tenha sido esse o pensamento do A. Mas, vamos abrir, por alguns momentos, esse trabalho de Quiríco Caxa, inserto no livro do padre Serafim Leite — *Páginas de História do Brasil* — col. Brasiliana — para vermos como o defensor da liberdade dos indios apreciou a obra anchieta e, mais do que isso, como personificou em Anchieta o tipo acabado e verdadeiramente extraordinário do paladino dessa mesma liberdade.

No cap. 7 diz Quiríco Caxa, em relação a Anchieta: "Era muita a sua caridade para com eles, ou curando-os em suas enfermidades, ainda que fossem muito nojentas e asquerosas" (pag. 162 do livro do padre Serafim). Mais adiante: "Tratando uma vez na salvação dos negros, disse que folgaria de morrer atolado num lameiro por acudir a sua salvação" (pag. 163, ibidem). E na mesma página: "Como dito temos não somente procurava a salvação dos indios, mas, como bom filho e bom discípulo do padre Nóbrega, por todos os modos defendia a sua liberdade. E em pregações e práticas, repreendia e estranhava os maus tratos que os portugueses lhes faziam".

Nesta última citação de Quiríco Caxa temos dois pontos a mencionar: a) — Anchieta é considerado, no tocante à liberdade e salvação dos indios, como um bom filho e bom discípulo do padre Nóbrega, ao contrário do que afirma o sr. José Mariz de Moraes que, citando a frase islâmica, diz, como já referi, que "era o exagero do discípulo a deformar o pensamento do mestre"; b) — Anchieta estranhava e repreendia o procedimento dos portugueses em relação aos brasíis, prova de que reclamava para eles um tratamento humano e generoso. É sabida a luta que, nesse particular, tiveram todos os jesuítas, sem exceção de nenhum e muito menos de Anchieta,

que sustentavam contra os colonos, esses, sim, algumas vezes, islâmicos em matéria de colonização... E os indios, não aceitando a liberdade que lhes outorgava o poder civil, influenciado por um racionalismo tremendamente anti-jesuítico, provaram quanto lhes era favorável e humanitária a liberdade dos inacianos. Liberdade que decorreu de uma disciplina puramente educativa, na qual obedecer era uma condição de ser



livre. Outras citações poderiam ser tiradas a Quiríco Caxa, inteiramente contrárias ao islamismo anchieta. No cap. 9, por exemplo, ele afirma que nunca viram Anchieta agastado contra ninguém, "nem de fóra, nem de casa".

Ora, se essa é a verdade, como ninguém dirá que não, onde a deformação do pensamento cristão de Nóbrega? Além disso, não teria sido o próprio padre Nóbrega, tão injustamente quanto Anchieta, acusado de violento, de "islâmico" na catequese? Sabemos que Varnhagen, que não tinha grandes simpatias pela Companhia de Jesus, e lembrando uma frase de Monte Alegre, senador do Império, diz que Nóbrega, Rui Pereira, Anchieta e Antonio Vieira recorreram à força para a defesa da sua obra. Aliás, Varnhagen, nesse passo, defende os jesuítas, achando que esse era o meio de repelir as agressões e correrias (Vide *Estudos Brasileiros*, vol. consagrado ao quarto centenário da Companhia de Jesus, artigo de Lúcio José dos Santos, 1940, pag. 48). Mas, Lúcio José dos Santos que comenta, nesse magistral artigo, o conceito de Varnhagen em relação à violência jesuítica, logo acrescenta: "Se aqueles jesuítas citados fossem de fato partidários do emprego da força contra os indios, não teriam feito quanto fizeram e nós bem conhecemos". E tanto isso é verdadeiro que os indios, inimigos como eram de ser tratados com agressividade, sensíveis e descorfiados como sempre foram, aceitavam de boa mente, como observa Lúcio José dos Santos, "ser escravos dos Jesuítas e não queriam ser dos colonos, preferindo mesmo a morte" (*Estudos Brasileiros*, pag. 49). Nada é mais certo que nem Nóbrega nem Anchieta foram partidários da força. Nenhuma Primasia, portanto... Os jesuítas, todavia, não eram condescendentes, não eram "gentis", como pretendem certas escolas efeminadas dos nossos dias... Sua brandura — proclama o sr. José Mariz de Moraes — não era excessiva. Nóbrega mesmo, como diz o escritor pernambucano, mostra os indios "soberbos e piores com afagos e bons modos, ao passo que com severidade e castigo humildes e sujeitos" (pag. 144). De modo que a fórmula "sujeição moderada" era para todos.

Mas, a primasia — quasi um dogma para o sr. José Mariz de Moraes — não pára nisso. No drama de Iperoig, que o A. descreve com notável intensidade, Anchieta não sucumbiu ao peso das tentações devido ao padre Nóbrega. "Não há disciplinas que amansem os desejos desse rapaz", diz o A. numa linguagem um pouco brincalhona... (pag. 182). "O corpo oscila, os membros tremem, as carnes bolem, a razão vacila dentro da mente obnubilada. Cambaleia, bebado de sofrer, quasi cedendo à força centripeta do pecado" (Idem). E não caiu por causa do padre Nóbrega — é a conclusão desse drama. Eu pergunto ao sr. José Mariz de Moraes onde está a Graça de Deus ou se esta é tão suficiente quanto a vontade do seu biografado... E depois que Nóbrega voltou de Iperoig, por que não sucumbiu Anchieta longe do seu superior?

Quando Nóbrega deixou Iperoig, diz o sr. José Mariz de Moraes que, ao separar-se de Anchieta, "o velho chorou e o moço não. Isso dito assim, com certa ênfase, será também motivo de primasia? Ou será apenas uma questão muito simples de temperamento, assunto em que o A. é mestre? O sr. Jonas Serrano já se preocupou com esse problema..., mas num sentido inverso: ele comprehende a comoção de Nóbrega, mas louva a "reprimida comoção do exilado voluntário" (Vide a coleção *Anchieta*, ed. da Livraria Globo, 1935, pag. 93).

Seja como fôr, por todas essas coisas vem o sr. José Mariz de Moraes não só demonstrar a superioridade de Nóbrega, mas reivindicar para o seu biografado o título que lhe é devido de Apóstolo do Brasil. Diz o A., falando da obra anchieta em S. Paulo; "Nesse palco estreiará Anchieta, futuro substituto do Apóstolo do Brasil, e, por obra e graça dos nossos historiadores, senhor de um título que pertence por direito ao seu mestre" (pag. 126). Lembrarei apenas que esse título, não sendo coisa nova, tem por si a tradição irremovível do tempo. Já o mencionava com respeitoso carinho Frei Vicente do Salvador: "... e quatro irmãos, um dos quais era José de Anchieta, que depois foi cá seu provincial, e se pode chamar Apóstolo do Brasil, pelas suas obras e milagres, que nêle fez, como o padre S. Francisco Xavier se chamou da India" (*História do Brasil*, ed. de 1888, pag. 62).

3 Com essas notas não quero concluir que, ao contrário do que afirma o sr. José Mariz de Moraes, seja Anchieta o primeiro jesuíta do Brasil... O que desejo frizar é que, na interpretação dessa grande obra missionária que os jesuítas realizaram em nossa terra, qualquer sentido de superioridade e de primasia é incompatível com a extraordinária significação espiritual e sobrenatural dos trabalhos catequéticos, com os quais os abnegados apóstolos não visavam mais do que a Glória de Deus e a dilatação do Seu Reino. Mesmo que se pudesse ver em Nóbrega uma superioridade política — digamos assim — em virtude da qual se tornou fácil ou simplesmente possível a objetivação dos ideais catequéticos, o certo é que Anchieta, fiel e devotado discípulo, completava o mestre. Difícil seria dizer quais os maiores santos da Igreja. Nesse terreno não há julgamentos humanos. Todos os santos realizam o homem novo e integral da palavra de Cristo, mas sem graduação humana. Não saberíamos dizer se Santo Tomás de Aquino, filósofo criador e genial, foi maior do que o cura d'Arts, que não sabia pregar um sermão.

Acho, por isso, que o sr. José Mariz de Moraes podia ter escrito a sua biografia sem estabelecer esse primado. Igualmente discordo de qualquer biografia anchieta tendente a apresentar o Apóstolo do Brasil como o maior jesuíta, o *primus inter pares*, como o chamou o padre Luís Gonzaga Cabral, no seu livro *Jesuítas no Brasil*, pag. 75. Acho, sim, que o título — Apóstolo do Brasil — não lhe pode ser negado. Todos os jesuítas realizaram igualmente a sua missão, nenhum procurando ser maior do que o outro e nenhum realmente sendo, pois o espírito de emulação e de sacrifício os nivela de u'a maneira surpreendente. Prefiro, por isso, o sereno julgamento de Pandiá Calogeras, quando diz, referindo-se

aos padres da Companhia de Jesus, no seu livro — *Estudos Históricos e Políticos*, Brasiliiana, pag. 130: "Iguais na grandeza e na abnegação seduziram inteligências e corações por aspectos diversos da sua atividade".

A atividade dos padres inacianos tinha aspectos diversos — em Anchieta era apostólica e heróica, em Nóbrega, organizadora e política — mas êles, como todos os demais jesuítas, se confundiam na obediência comum aos *Estatutos* da Companhia e às sábias leis da sua *Ratio Studiorum*. De modo que, se as atividades eram diversas, o plano em que se moviam esses apóstolos era o mesmo. E não havendo diferença de planos não há hierarquia de figuras.

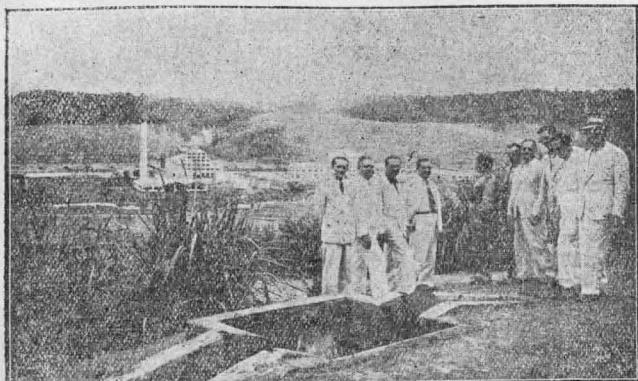
Afastada essa preocupação de primasia que, num historiador menos imparcial, podia ter degenerado em paixão, o livro do sr. José Mariz de Moraes não pôde deixar de ser considerado um bom livro. É absolutamente digno de louvor a compreensão histórica do A. a respeito de D. João III, "ingratamente esquecido, e muito esquecido por nós brasileiros. Nos bancos da escola, as crianças balbuciando a história sabem o nome de D. Manuel e a sua venturosa alcunha. Seria mais equitativo ensinar-lhes o nome do filho" (pag. 39). Os historiadores do período liberal-racionalista deformaram a figura de D. João III, vendo nêle o rei medievalista, aferado às práticas feudais e à expansão religiosa pelas missões. Fizeram, com isso, sem o saber, o elogio do rei. O livro de Alfredo Pimenta é uma rehabilitação do rei-colonizador, e dá gosto ver o sr. José Mariz de Moraes filiar-se a essa corrente que tanto tem de moderna quanto de verdadeira.

Um capítulo realmente impressionante do livro do sr. José Mariz de Moraes é aquêle em que êle se refere à disciplina dos jesuítas. Disciplina barroca — chamou êle. Chame-mo-la assim ou não, uma verdade subsiste: é a disciplina jesuítica que, longe de humilhar e de imbecilizar, eleva o homem a uma altura espantosa da dignidade humana. E o que faz do jesuíta o homem que se vence a si mesmo e que adquire na obediência as supremas qualidades de mando. E aquela obediência *perinde ac si cadaver esset, similiter atque baculus*. Porque obedecem cegamente, servilmente, perguntava o padre Leonel Franca, quem poderá dizer que S. Francisco Xavier e S. Pedro Canizio não foram grandes personalidades? Quem poderá dizer que Nóbrega, Anchieta ou Antonio Vieira são "individualidades apagadas ou autómatos sem iniciativa"?

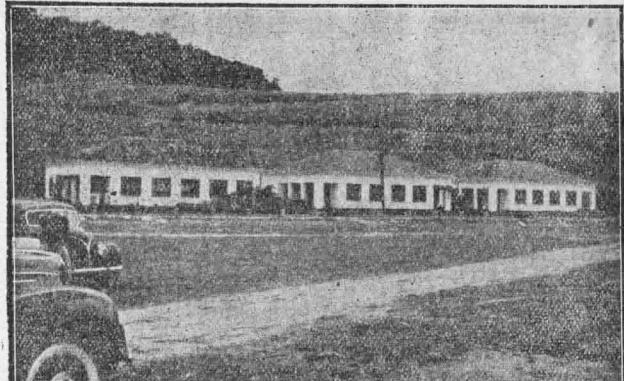
As exigências de disciplina que o padre Nóbrega fez ao seu companheiro Manuel de Paiva, ora vendendo-o como escravo, ora mandando que o mesmo descessse rolando por uma ladeira, "não devendo parar antes que a ordem fosse revogada, ou êle se arrebentasse de encontro às pedras que não tivessem gentileza bastante para se arredarem do caminho" (pag. 89), constituem episódios verdadeiramente estupendos da "disciplina barroca", da qual o sr. José Mariz de Moraes nos dá um estudo de incontestável mérito. De resto, a obra inaciana não poderia nunca ser compreendida e explicada sem o estudo dessa obediência jamais desmentida, e que resume toda a psicologia do jesuíta.

Um pequeno traço do livro do sr. José Mariz de Moraes, que denuncia a sua orientação moderna na revisão histórica que se vem processando em Portugal e no Brasil, é aquêle em que, referindo-se a D. João III, afirma que só um outro português amaria o Brasil como o rei-colonizador: D. João VI (pag. 140). Ai se vê que o escritor pernambucano está seguindo do que seja história e que se coloca, mesmo com essa simples e despretenciosa pincelada, na mesma corrente de Oliveira Lima e de Luis Norton, para só citar esses dois. Felizmente, já vai desaparecendo da nossa história ou, antes, das nossas novelas históricas, a tradição do regente glutão e emporelhado, para surgir em seu lugar o monarca sereno e realizador, que tão bem compreendeu o sentido da brasiliade e a nossa posição no Novo Mundo.

As discordâncias que aqui faço à obra do sr. José Mariz de Moraes, quero acrescentar as que se referem ao abuso não



Visita da comitiva Cel. Magalhães Barata - Dr. Luis Magalhães



Casas dos empregados da Usina

VISITANDO O PARQUE INDUSTRIAL DA USINA SANTA TERESINHA, D. Mário Vilas-Bôas, Bispo de Garanhuns, assim se expressou:

Visitei "Santa Teresinha". Trago, na retina, uma visão magnífica. Mais do que na retina, trago, no coração, a alegria e o entusiasmo que experimentei ante uma obra autêntica de reais e esplendidos valores humanos.

"Santa Teresinha" é uma afirmação desses valores.

Afirmação técnica, pois, tudo, aqui, é técnica moderna e rigorosamente científica. O conjunto maravilhoso das má-

quinas da "Santa Teresinha" canta, harmoniosamente, o hino triunfal da técnica moderna.

Afirmação social, pois, aqui, o trabalho, o braço, a inteligência e a vontade se conjugam num desejo manifesto e plenamente realizado de sociabilidade e fraternização humanas.

Afirmação cristã, enfim, pois, aqui o corpo não ficou escravizado pela máquina, mas, a alma, imagem e semelhança de Deus, preço do sangue divino de Jesus Cristo, proclama seus direitos sobre a máquina e sobre o corpo.

Foi assim que si "Santa Teresinha": — uma afirmação integral de valores humanos; uma honra para a indústria nacional.

Depois que, ante meus olhos maravilhados, correu o filme grandioso das máquinas e dos campos, — a acolhida generosa, fidalga, naturalmente distinta, no solar esplêndido de José Pessoa de Queiroz, esse cidadão conspicuo que concre-

15 - 12 - 940.

DOM MARIO VILAS-BÔAS,
Bispo de Garanhuns



Grupo Escolar em formatura



Aquedutos para serviço de irrigação dos morros



Reprodutor Indú Brasil "Campeão" premiado na Exposição Nacional de Pernambuco



Canavial irrigado nos morros

TIJOLOS - LADRILHOS TELHAS

COMPREM OS DA CERAMICA S. Caetano (S. Paulo)

Distribuidores

Soc. de Espansão Comercial
S E P A

Rua da Concordia, 176 - Fone 6235
RECIFE

PADARIA E PASTELARIA NOSSA
SENHORA DE LOURDES
M. COSTA & CIA.

Especialista em pães, bolachas e biscoitos etc.

RUA LAZARO FONTES, 122
G I Q U I A' — RECIFE
Fone 6074

Construa a sua casa pró-
pria em pagamento men-
sais modicos, na

PREDIAL DO NORDESTE

S/A

Compra Tadeu Rocha 30/8/79

UMA BIOGRAFIA DO PADRE NÓBREGA

NILO PEREIRA

(Conclusão)

direi de uma linguagem freudiana, mas de certa preocupação realística. Nesse ponto, o seu realismo não é histórico e sim um realismo de romance, destinado a exacerbar a imaginação. A história independe desse naturalismo apelidado de científico. As páginas mais belas da tentação de Anchieta podem ser escritas sem qualquer recurso ao cientificismo do professor de Viena. Assim como as citações históricas, cortadas de realismo, podem ser feitas com a simplicidade com que foram escritas, sem que seja necessário prevenir os "indivíduos de epiderme irrequieta, ou faces prontamente ruborizáveis". Porque isso, às vezes, põe maldade onde não existe.

Acho que o livro do sr. José Mariz de Moraes, sem conter propriamente erros, é livro que, pelas sugestões que apresenta, está destinado a produzir reações. E ainda bem. A coisa pior que pode acontecer a um escritor é ver a sua obra afundar-se no silêncio...

UMA OPINIÃO DO SR. MÁRIO MELO, SECRETÁRIO PERPÉTUO DO INSTITUTO HISTÓRICO, DA ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS E DA FEDERAÇÃO CARNAVALESCA

(Conclusão)

bárbara catoda
prometida da
cacofonia
transcendente
No dedáleo e
cíclico remonte
do unifônio tédio
libertário, o limpa
chaminés estiolário
estenografa as pautas
do horizonte".

E segue por aí a fora a moxinifada, com pretenção de poesia.

Querem mais?

Pois aqui está o *Poema Nacional*:

"1—2—3—4—5—6
1—2—3—4—5—6—7—8
1—2—3—4—5—6—7—8—9—0
1—2—3—4—5—6—7—8—9—0
1—2—3—4—5—6—7—8—9—0
Para hoje carneiro".

Digam-se agora:

Publicar um livro de versos com poemas dessa natureza é inconciênciencia ou coragem?

Pelos domingos tiram-se os dias-santos.

Por semelhantes poetas e com semelhantes versos, é possível avaliar o que seria o tal Congresso de Poesia.

Sabem todos meu horror pelo futebol. Mas em verdade vos digo: E' melhor bater bola com os pés, do que escrever com as mãos semelhantes versos, oriundos, naturalmente, dalguma crise intestinal.

MARIO MELO

"Ontem, hoje e amanhã". "Jornal Pequeno" — Recife.

31-1-41

O FUNDAMENTO TEÓRICO DO SERVIÇO SOCIAL

ANTONIO BEZERRA BALTAZAR

(conclusão)

para o serviço social. A vantagem que traria uma assistência social — com a instrução especializada e o espírito adquirido na Escola — a serviço de muitas das nossas Instituições de beneficência seria inestimável.

Dentro de pouco tempo a escola do Juizado de Menores formará a sua primeira turma de assistentes sociais, habilitada a prestar os melhores serviços àquelas instituições, na organização e na rotina dos penosos trabalhos de assistência a que se entregam. Todos aqueles que não perderam por completo a simpatia pela pobre humanidade, que acreditam ainda ser possível restituir-lhe um pouco do seu elan espiritual — para o que se torna indispensável restabelecer-lhe um mínimo de condições materiais — devem um gesto de solidariedade à Escola de Serviço Social de Pernambuco.

ESTADO CORPORATIVO

Silvino Lira

(conclusão)

de do Estado, deixando ao talante dos indivíduos e dos grupos mais poderosos, o respeito aquela pessoa humana, que não é indivíduo expressão do atomismo social, mas o homem com os seus predicados espirituais e inalienáveis. *O corporativismo integral, porém, limita a sua interferência às portas da consciência, precisamente porque parte duma concepção perfeita do universo.. Este tem fins supremos.*

O Estado Corporativo difere do Estado Liberal e do Estatismo, que aceitam a unidade do fato normativo, pela pluralidade do fato normativo, pela pluralidade do poder público, pelo direito funcional das corporações, e, finalmente, por afirmar o Estado como super corporação, idéia aliás que há despertado controvérsias mas que é defendida por Manoillesco.

As corporações legislam e têm a sua organização jurídica própria, subordinada, embora, a regulamentação jurídica nacional. Diz Roger Bonard (7), que sendo as corporações corpos sociais, esse caráter normativo decorre da interdependência e solidariedade existente nelas. E dessa regulamentação jurídica secundária, resulta os poderes que ela normalmente se investe, como sejam o de possuir uma legislação própria, orientar o seu sistema jurídico e disciplinar por meios repressivos a sua boa ordem.

Há pois um ampliar de poderes. Atribue-se-lhe um poder político coexistindo com um poder político do parlamento. Assim, o caráter funcional das corporações não sómente deve limitar-se ao plano da defesa da economia, disciplinando ou reprimindo no seu campo de ação. Mas, sob a orientação do Estado, que lhe respeitará a liberdade, identificar-se em toda ação normativa dêle para todos os problemas vitais da nação.

NOTAS

- 1) Uma cousa pode ser segundo o ponto de vista, um meio para certos fins e ter em si mesma a própria razão de ser. Um quadro pode ser, ao mesmo tempo, um meio de vida para o artista e o fim supremo de seus esforços, a expressão ardente de seus sentimentos, a representação corpórea de seu ideal; ele tem pois um fim em si mesmo. O casamento é para os esposos um meio de satisfazer a certas exigências da vida e amenizar a existência; mas é também a união dos sexos separados na natureza, é a base da família, unidade de conjunto mais alta, superior a cada um dos membros. Blunstchli. Citação de Miguel Reale — em o Estado Moderno, pág. 168.
- 2) Aristóteles — Cit. Miguel Reale — Ob. citada, pág. 164.
- 3) Ob. citada.
- 4) Citação de Castro Nery — Evolução do Pensamento Antigo
- 5 e 6) Doutrina e Formação do Corporativismo — A. B. Cotrim Neto.
- 7) Roger Bonard — Sindicalismo, Corporativismo e Estado Corporativo.

Cooperativa dos Plantadores de Mandioca de Pernambuco — Recife — Pernambuco

Resumo do BALANÇO GERAL realizado em 31 de
— Dezembro de 1940 —

A T I V O

Titulos do "Razão"	Parcial	Total
ATIVO FIXO		
Moveis & Utensilios	16.395\$200	
Títulos de Renda	4.500\$000	20.895\$200
ATIVO CIRCULANTE		
Farinha Panificável	285.215\$000	
Farélo	171.895\$000	
Raspas de Mandioca	159.187\$300	
Sacaria	44.334\$600	
Anilinas	13.500\$000	674.131\$900
ATIVO DISPONIVEL		
Caixa	23.839\$700	
Caixa de Crédito Mobiliário	150.195\$300	174.035\$000
ATIVO EXIGIVEL		
Associados, C/Capital	114.395\$000	
Cooperados, C/Maquinhas	4.520\$100	
Correntistas	161.567\$200	
Títulos a Receber	7.180\$000	287.662\$300
Total do Ativo R\$.		1.156.724\$400

P A S S I V O

PASSIVO NAO EXIGIVEL	
Capital	176.300\$000
Fundo de Reserva	128.462\$800
Lucros Suspensos	100.000\$000
PASSIVO EXIGIVEL	
Secretaria de Agricultura, C/Maquinhas	18.433\$400
Fábrica de Farinha Panificável, C/Fabr.	74.501\$400
Fábrica de Farinha Panificável, C/Tr.	3.062\$500
Cooperados, C/de Raspas	112.473\$400
Juros ao Capital, s/quotas-partes	2.284\$100
Retorno aos Associados	541.206\$800
Total do Passivo 1.156.724\$400	

DEMONSTRATIVO DA CONTA DE "LUCROS & PERDAS"

	Debito	Credito
a MOVEIS & UTENSILIOS	1.821\$700	
a HONORARIOS DA DIRETORIA	29.549\$900	
a CEDULAS DE FREQUENCIA	12.400\$000	
a ORDENADOS	62.123\$200	
a DESPESAS GERAIS	50.170\$700	
a JUROS AO CAPITAL, s/quotas-partes	1.830\$300	
a LUCROS SUSPENSOS	100.000\$000	
a FUNDO DE RESERVA	60.134\$100	
a RETORNO AOS ASSOCIADOS	541.206\$800	
de FARINHA PANIFICAVEL		744.130\$900
de FARELO		7.245\$300
de JUROS & DESCONTOS		7.860\$500
de LUCROS SUSPENSOS		100.000\$000
859.236\$700		859.236\$700

Recife, 31 de Dezembro de 1940.

- a) Manoel Clementino Cavalcanti Albuquerque — Presidente.
a) Djalma Wanderley — Diretor-Comercial.
a) Mario Carneiro Lins e Melo — Diretor-Gerente.
a) Heitor Wanderley de Queirós — Contador.

PARECER DO CONSELHO FISCAL

O Conselho Fiscal da Cooperativa dos Plantadores de Mandioca de Pernambuco tendo procedido ao exame do balanço geral e de outros documentos referentes ao exercício findo em 31 de dezembro de 1940, constatou a sua exatidão, regularidade e concordância, pelo que é de parecer que a Assembléa Geral, hoje, reunida, aprove as contas apresentadas e os atos gestivos da Administração.

Recife, 14 de Fevereiro de 1941.

- (aa.) Aurino José Duarte — Relator.
Oscar dos Santos Dias

Manoel Luis de França Caldas.

- VISTO: — Recife, 14 de Fevereiro de 1941.
(a.) Clementino Cavalcanti — Presidente.

CORTUME "SANTA MARIA"

PEIXINHOS — OLINDA — PERNAMBUCO
BRASIL

ANDRADE IRMÃOS

Produtóres de Verniz, Búfalo, Vaquetas, Couros e Tanino, Nacos, Pelicas, Mesticos e Camurças, Sólas, Raspas Envernizadas, Tingidas, Estampadas, Grosas para Soldados e Engraxádos etc.

Depósito à
Rua Direita, 12 — Caixa Postal, 641
RECIFE

FÁBRICA E ESCRITÓRIO :

Praça dos Peixinhos, 250 — Olinda

Teleg. : — "MANDRADE"

Telefones : { Fab. e Esc. : 28.263 Códigos : { Mascote, Borges
Depósito : 8.325 e Particulares

FILIAL NO RIO DE JANEIRO

Rua General Camara, 240 - Cx. 1.971

END. TEL. : — "KIVAN"

Depósito em Porto Alegre :

RUA URUGUAI, 19

AGÊNCIA NOS DEMAIS ESTADOS

USINA MASSAUASSÚ

A Usina Massauassú Dispõe anualmente, com Assistência Social :

30.000\$000, para os desamparados
35.000\$000, para assistência farmacêutica, médica e dentária

Os operários têm gratuitamente, casa com saneamento, água encanada e luz elétrica.

A Usina Massauassú justifica, assim, o bom nome de Pernambuco, vanguardista das grandes iniciativas de Justiça Social.

IMPRESSO
NA TIP. DO
DIARIO DA
MANHÃ

ARMAZEM DO CABOCLO

Casa fundada em 1841

IMPORTADORES, EXPORTADORES E RETALHISTAS
DE FERRAGENS

Cutelarias, artigos para agricultura, indústria e uso doméstico. Armas de caça, tintas, óleos, pincéis, vernizes etc. O maior depósito de ferro, cobre, chumbo e outros metais

ALVARES DE CARVALHO & CIA. LTDA.

RUA DUQUE DE CAXIAS, 340, 350

Caixa Postal 165

Fone, 6225

RECIFE — PERNAMBUCO

USINA MARIA DAS MERCÊS S/A

Capacidade de produção de Açúcar. 150.000 sacos
Limite dado pelo I. A. A. 85.838 sacos.
Capacidade de produção Alcool 42° 1.000.000 litros

Escritório da Usina Maria das Mercês S/A na
Vila Mercês — Município do Cabo — Pernambuco

Escritório em Recife :

RUA DUQUE DE CAXIAS, N.º 281 - 1.º andar

End. Tel. : CYSNE — FONE, 6758

MANTEIGA

PEIXE

É a rainha das manteigas.
Usá-la é preferi-la por toda vida.

DEPÓSITO :

Rua das Calçadas, 70

Fone 6718

RECIFE

GRANDES FABRICAS

“PEIXE”

PESQUEIRA
BEZERROS
AREIAS
RECIFE

Filiais em SÃO PAULO E RIO

FABRICANTES DA GOIABADA MARCA

“PEIXE”

DETENTORA DESDE DE 1897, DO PRIMADO DA QUALIDADE,
E DO EXTRATO DE TOMATE MARCA “PEIXE”

SUPERIOR AOS SIMILARES ESTRANGEIROS, O MAIS BARATO E O MAIS
ECONOMICO. OS PRODUTOS PEIXE SÃO DE ABSOLUTA CONFIANÇA
EXIJAM-NO DO SEU FORNECEDOR.

À VENDA EM TODAS AS BÔAS
MERCEARIAS

Carlos de Britto & Cia.

ESCRITORIO CENTRAL -- AVENIDA CLETO CAMPELO 532 à 560

RECIFE

—

PERNAMBUCO



CAJÚS E MELANCIA

GRAVURA A 3 CORES DE MONTEIRO (V. do R.)